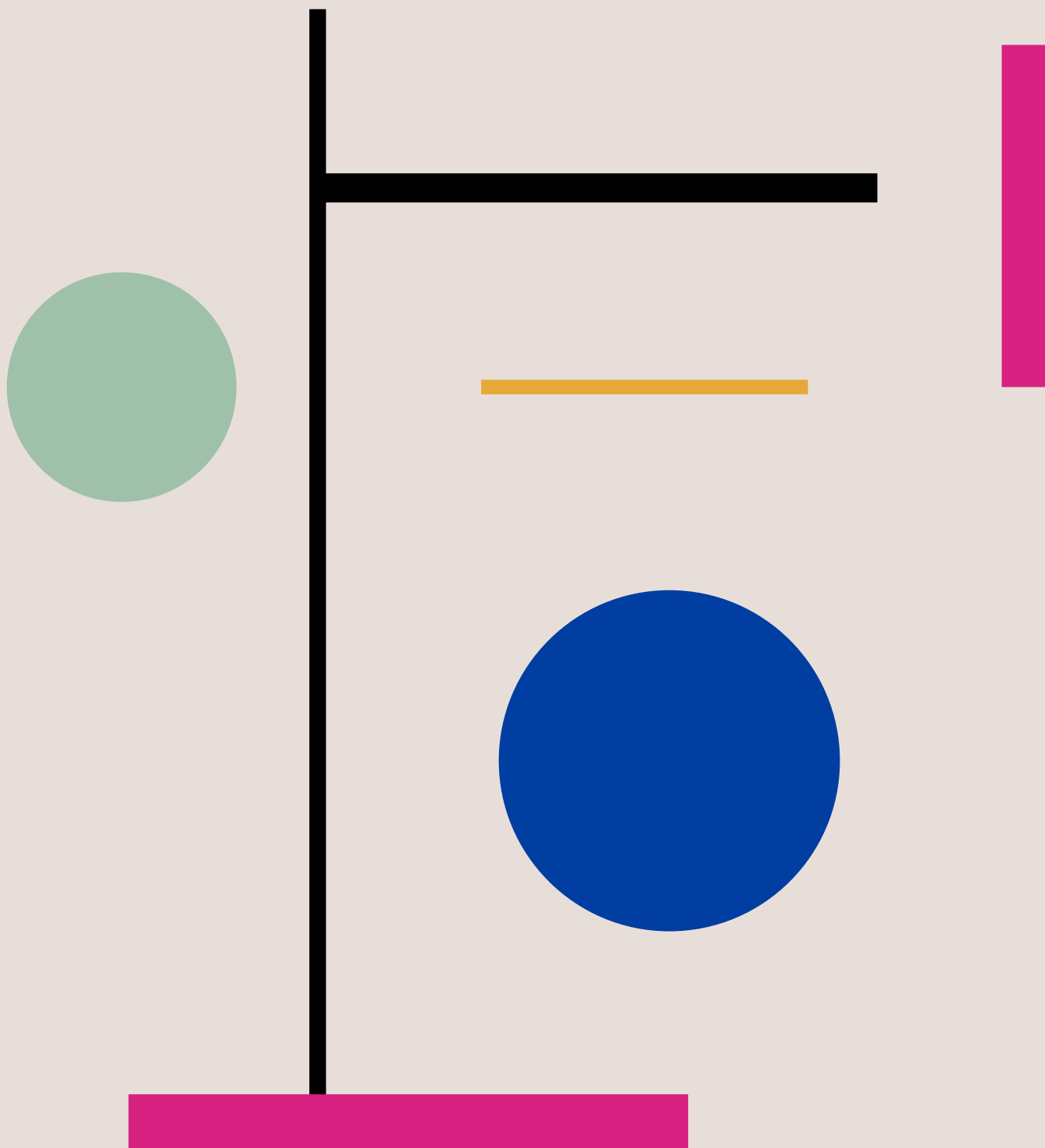




UM LEGADO QUILOMBOLA EM OLINDA:

Anteprojeto de requalificação do Terreiro Ilé Axé Oyá Megué, da Nação Xambá

DAU-UPE | Trabalho de conclusão de curso

Autora: Alana Maria de Almeida Silva

Orientador: Pascal Machado



le - ga - do

substantivo masculino; sentido figurado

O que é transmitido às gerações que se seguem.

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Alana Maria de Almeida Silva
Orientador: Pascal Machado

Recife, 2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

SILVA, Alana Maria de Almeida.

Um legado quilombola em Olinda: Anteprojeto de requalificação do Terreiro
Ilé Axé Oyá Megué, da Nação Xambá / Alana Maria de Almeida SILVA. -
Recife, 2023.

71p. : il., tab.

Orientador(a): Pascal Machado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -
Bacharelado, 2023.

1. arquitetura. 2. xambá. 3. quilombo. I. Machado , Pascal. (Orientação). II.
Título.

720 CDD (22.ed.)

“O chão do meu terreiro
É o umbigo do mundo
Lá onde começa tudo
Aprendi a andar por lá”

Vento corredor - Grupo Bongar

RESUMO

O patrimônio afro quilombola do Portão do Gelo Nação Xambá, resiste em Olinda há muitos anos e carrega uma trajetória de muita luta e dedicação. A religião Xambá foi difundida em Pernambuco por Artur Rosendo, babalorixá vindo de Alagoas, vítima da política de repressão aos terreiros que visava eliminar as casas de santo no Estado. Com o passar dos anos, as tradições foram sobrevivendo de geração em geração, com o vigor de muitas mulheres, que persistiram em um trabalho físico-espiritual de dar continuidade às práticas religiosas. Apesar de todo o caminho construído pelas mãos do quilombo, existe, ainda assim, uma falta de reconhecimento pelos órgãos públicos no que diz respeito a manutenção do Terreiro Ilé Axé Oyá Meguê, onde funcionam os ritos principais da nação. Nesse ínterim, o anteprojeto em questão, visa elaborar uma requalificação na Casa de Axé, adaptando melhor o uso dos espaços, para que os fiéis tenham mais bem-estar físico e espiritual, e consigam elaborar com mais entrega os rituais específicos do terreiro. A partir da pesquisa sobre a Nação Xambá, cabe estimular também a reflexão acerca da falta de visibilidade dada ao patrimônio afro na cidade de Olinda, e a todo o legado quilombola que resta sob a cidade; a fim de incentivar a trajetória de afrodescendência que construiu, a duras penas, sua marca no território pernambucano.

Palavra-chave: Olinda; Religiões africanas; Patrimônio;

ABSTRACT

The Afro Quilombola heritage of Portão do Gelo Nação Xambá has resisted in Olinda for many years and carries a history of much struggle and dedication. The Xambá religion was spread in Pernambuco by Artur Rosendo, a babalorixá from Alagoas, a victim of the policy of repression of the terreiros that aimed to eliminate the houses of saints in the state. Over the years, the traditions have survived from generation to generation, with the vigor of many women, who persisted in the physical-spiritual work of giving continuity to religious practices. Despite all the path built by the hands of the quilombo, there is still a lack of recognition by public bodies with regard to the maintenance of the Terreiro Ilé Axé Oyá Meguê, where the main rites of the nation take place. In the meantime, the preliminary project in question aims to prepare a requalification of the Casa de Axé, better adapting the use of spaces, so that the faithful have more physical and spiritual well-being, and are able to elaborate with more dedication the specific rituals of the terreiro. Based on research on the Xambá Nation, it is also important to encourage reflection on the lack of visibility given to Afro heritage in the city of Olinda, and the entire quilombola legacy that remains under the city; in order to encourage the trajectory of afro-descendancy that built, with great difficulty, its mark in the territory of Pernambuco.

Keyword: Olinda; African religions; Patrimony;

Para a Nação Xambá.

Em memória de Guilherme e Biuzinha da Xambá.

AGRADECIMENTOS

Início este trabalho agradecendo a todas as forças universais, que me fizeram estar viva e presente neste exato momento de escrita.

Agradeço também aos meus pais, Izabel Almeida e João Batista Silva Filho, e a minha irmã, Thiana Almeida, fontes de sabedoria e ancestralidade.

A minha terapeuta, Jéssica Targino, agradeço pelos cinco anos de acompanhamento que foram fundamentais para escrita desse trabalho.

A todos os meus companheiros universitários e colegas de classe, que fizeram do curso a melhor experiência possível. É um grande privilégio poder conhecer pessoas tão especiais durante uma jornada tão exaustiva.

Aos meus amigos de sala de aula, Diego Lopes, Larissa Sotero, Lohanna Savino, Maria Luiza Mariz, Caio Cavalcanti, Edilson de Castro e Gabriela Mariana, pelo auxílio durante a reta final deste trabalho e pela excelente companhia em dias conturbados.

A todos os meus cúmplices, amigos e família que somaram na minha vida todos os dias para que essa realização fosse possível, agradeço a amizade e a escuta.

Aos meus colegas de trabalho, Anderson Mendes e Raissa Matoso, reconheço a compreensão.

À Universidade Pública, ao Centro de Artes e Comunicação, e toda a equipe profissional que faz a qualidade do ensino superior ser tão reconhecida.

Ao meu professor orientador Pascal Machado, pela coordenação, apoio e admiração construídas durante o processo.

Por fim, agradeço a toda a população afrodescendente presente na cidade de Olinda (PE); sobretudo a povo quilombola do Portão do Gelo Nação Xambá, por todo o trabalho em prol da negritude e resistência.

Muito grata ao Babalorixá Pai Ivo da Xambá, a jornalista Marileide Alves, ao fotógrafo Paulo Filizola e ao historiador Hildo Leal, pela transmissão de conhecimento e pela maravilhosa simpatia ao me receber.

APRESENTAÇÃO

O seguinte trabalho, de autoria de Alana Maria de Almeida Silva, é fruto das disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e Trabalho de Conclusão de Curso II, referentes ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação do Professor Dr. Pascal Machado. O produto consiste em uma proposta de reforma do Terreiro Ilé Axé Oyá Meguê, localizado no Quilombo Urbano Portão do Gelo Nação Xambá, no bairro de São Benedito, em Olinda. O processo projetual, baseia-se na necessidade de adequar os espaços de culto às conveniências dos fiéis e visitantes, garantindo vivências espirituais com mais conforto e segurança.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO 1 - A NAÇÃO XAMBÁ 14

1.1 A trajetória de uma nação 15

1.2 A herança de Mãe Biu 20

CAPÍTULO 2 - O ILÉ AXÉ OYÁ MEGUÊ 25

2.1 O candomblé do terreiro de Xambá 26

2.2 Os espaços de celebração da Casa 28

CAPÍTULO 3 - REFERENCIAS PROJETUAIS 41

3.1 A arte de Rubem Valentim 42

3.2 O traçado de Lina Bo 44

3.3 A interferência no Terreiro do Gantois 46

CAPÍTULO 4 - O PROJETO 48

4.1 Visitas 49

4.2 Concepção 50

4.3 Elementos e Materiais 55

4.4 Desenhos 56

CONCLUSÃO 63

REFERENCIAL 66

CADERNO DE DESENHOS

INTRODUÇÃO

A proposta de reforma do Terreiro Ilé Axé Oyá Meguê no quilombo urbano Portão do Gelo Nação Xambá, em Olinda, Pernambuco, nasceu do forte desejo de conexão com a cultura sócio-espiritual afrodescendente; etnia na qual me reconheço e que por um apagamento histórico não tive muitas informações durante a vida. Nas inúmeras pesquisas que se seguiram sobre o tema, sempre repletas de muita curiosidade, me deparei com um recorte de jornal que informava que o Terreiro de Xambá (como é popularmente conhecido esse espaço do quilombo) precisava de uma reforma. A notícia me impulsionou a adentrar nessa jornada de estudo, de um espaço prestigioso e afrocentrado que carrega consigo memórias e transmissão de costumes.

Inicialmente, o trabalho estrutura-se na resolução de 02 principais problemáticas: **a necessidade de requalificação no espaço sagrado-simbólico do quilombo urbano: o Terreiro Ilé Axé Oyá Miguê; e a carência de escrituras, na área de arquitetura, que dialoguem acerca do patrimônio afro-diaspórico brasileiro, devido ao desarranjo governamental na manutenção desses lugares.**

A influência da Nação Xambá para cidade de Olinda também é observada num amplo aspecto sócio-cultural, visto que, além das práticas religiosas, o quilombo está presente na cena musical olindense com o Grupo Bongar - banda de coco formada por integrantes da nação; e na economia solidária através do Instituto Tia Luiza - empresa de atividades relacionadas a empreendedorismo afrocentrado.

INTRODUÇÃO

Vale salientar também, os equipamentos de destaque que compõem o perímetro da região: O Centro Cultural do Grupo Bongar; o terminal integrado de Xambá; o terreiro Ilê Axé Oyá Meguê e o memorial Severina Paraíso da Silva, dedicado à Mãe Biu, ícone de resistência para a nação. As últimas edificações citadas, são objeto de estudo deste seguinte projeto, tendo como base a real necessidade de reforma e a grande frequência de visitantes e fiéis a esses espaços.

Tendo em vista esses aspectos, desenvolve-se o objetivo geral do trabalho:

Propor um projeto de requalificação para o terreiro da Nação Xambá, abrindo o debate acerca do nível de visibilidade do patrimônio africano dentro das esferas governamentais.

Nesse ínterim, o estudo ramifica-se em algumas etapas metodológicas. Inicialmente, foi feita a leitura de um vasto referencial teórico no que diz respeito ao tema; sobretudo as escritas referentes a Nação Xambá e as religiões afro-brasileiras. Nesta fase, destacam-se alguns trabalhos que foram norteando o entendimento da trajetória do povo em questão e dos espaços dentro de um terreiro de matriz africana.

INTRODUÇÃO

O primeiro deles foi a obra intitulada *Povo Xambá Resiste: 80 anos da repressão aos terreiros em Pernambuco*, da jornalista Marileide Alves (2020). O livro elabora um panorama desde o início dos costumes da nação; passando pela repressão sofrida durante décadas de racismo religioso e expondo as conquistas contemporâneas após anos de luta. Outra publicação de grandiosa contribuição, foi o trabalho de conclusão de curso do bacharel em arquitetura, Henrique de Castro (2016). O exemplar chama-se *Ilé Asé Àráàiyé Òmi - Anteprojeto de arquitetura para um terreiro de candomblé*, e nele, o autor elabora o projeto de um espaço religioso, no município de Paulista, Pernambuco, a pedido de um babalorixá da região.

O próximo passo do estudo, dedica-se a ida in loco ao local do terreiro, a fim de compreender a dinâmica espacial do ambiente, além de conhecer de perto as pessoas que protagonizam o local.

Vale salientar, que cada casa de santo tem suas demandas específicas, de acordo com a edificação em que está inserida e com as celebrações que ocorrem no recinto. Após esta apresentação ao local, foi feito um vasto estudo de referências artísticas e arquitetônicas, somado com a elaboração de um programa de necessidades; desenrolando assim, o início do esquema projetual preliminar que precede a elaboração final do projeto.



Figura 01: Família Xambá
Fonte: Nação Xambá/www.xamba.com.br

CAPÍTULO 01

A NAÇÃO XAMBÁ



Figura 02: Mãe Biu e seus filhos

Fonte: Diego Di Niglio/ Revista Continente

A TRAJETÓRIA DE UMA NAÇÃO

A relação matéria-espírito é algo que intriga os estudos antropológicos há muito tempo. A persistência humana em atribuir significados sagrados aos espaços de memória e congregação, deu origem a fundação de diversas religiões, com caracteres diferenciados entre si que refletem um pouco das suas personalidades na arquitetura e na funcionalidade das edificações sacramentadas. No Brasil, esse desenrolar de crenças, se costura com a construção histórica de ancestralidade indígena, colonização europeia e diáspora africana - tripé da miscigenação social e espiritual brasileira, com hegemonia direta da Igreja Católica limitando e interferindo outros cultos não-cristãos durante séculos de intolerância.

Esse processo histórico de colonização cristã, reflete socialmente até os dias atuais; segundo o censo demográfico do ano de 2010, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 64,6% dos brasileiros consideram-se católicos; 22,2% afirmam-ser evangélicos, e aproximadamente 0,31% (602.900 mil) se dizem pertencentes a religiões de afro-brasileiras.

Dissertar sobre a Nação Xambá, é percorrer um pouco dessa história: fé, ancestralidade e resistência, são as premissas principais da trajetória dos fundadores da casa. A luta da religião para conseguir liberdade de culto e fincar o seu lugar, é o retrato de um processo sofrido por muitas casas de axé em Pernambuco e no Nordeste, de forma geral.

O caminho para a fundação da nação Xambá, deu-se quando o babalorixá² Artur Rosendo, veio de Alagoas a Pernambuco, abalado por um evento conhecido como “Quebra de Xangô”, que ocorreu no ano de 1912, na cidade de Maceió, em Alagoas. A operação consistia em destruir as casas de santo do Estado, com o objetivo de enfraquecer o governador reeleito Euclides Malta, que era simpatizante dos cultos afro-brasileiros. Segundo TENÓRIO (2009), em seu livro Metamorfose das Oligarquias:

[...] Institucionalizou-se o terrorismo político-religioso, contra os adeptos daquele culto, impedindo sua reorganização. Os suspeitos foram surrados barbaramente em plena via pública e seus praticantes fugiram para outros estados, diante da perseguição implacável. Qualquer denúncia implicava em prisões, constrangimentos e sevícias nas enxovias policiais.

²babalorixá: líder religioso espiritual nas religiões de matriz africana. Pai-de-santo.

Figura 03: Recorte de jornal demonizando religiões de matriz africana, em 1912
Fonte: TNH1 / Ascom TJ-AL
(<http://www.tnh1.com.br/noticia/nid/centro-de-cultura-do-tjal-mantem-viva-memoria-do-quebra-de-xango/>)



O que determinou a acção da Secretaria da Segurança—
Centros de feitiçaria e de exploração de boa fé dos incautos

A black and white photograph of a cluttered, dilapidated interior space, possibly a workshop or a storage room. The room is filled with various objects, including boxes, papers, and debris. A sign with the word "CENTRO" is visible on the wall. The overall atmosphere is one of chaos and decay.

[illegible]

CESSADA A ACTIVIDADE

Em virtude da severa fiscalização po-
licial foram fechadas as casas de xan-
gô e de estímbau abaixo: Severino B.
do Nascimento — Senhor do Bom Fim,
rua F. Tavora, 33, Campo Grande; Maria
das Dores Silva — Santa Barbara, rua
Mangueira, 137, Campo Grande; Lydia da
Silva — Senhor do Bom fim, rua S. Se-
bastião, 58, Campo Grande; Heleno M.
de Souza — Senhor do Bom Fim, rua da
Sé, 180, Campo Grande; Marclonilla Ma-
ria da Conceição — Cosme Damião, rua
Baependy, 4, Campo Grande; Manoel Si-
queira — Santa Barbara, rua Mangaba,
132, Campo Grande; José A. da Rocha
— Flor do Oriente, rua Sipó, 21, Campo
Grande; José Fausto de Oliveira — São

Figura 04 e 05: Recorte de jornal anunciando o fechamento do terreiro, em 1938, no Estado Novo
Fonte: Diário de Pernambuco / Hemeroteca digital

Com a vinda de Rosendo para Recife, o líder religioso abriu sua casa de axé no bairro de Água Fria, em 1923, chamada Seita Africana São João. Nesse templo religioso que Maria das Dores da Silva (depois conhecida como Maria Oyá) foi iniciada no candomblé e posteriormente, em meados da década de 1930 abre seu terreiro, no bairro de Campo Grande, também na mesma cidade. ALVES (2018), explica que só após dois anos após a abertura da casa, a religiosa Maria Oyá, é consagrada como yalorixá³ numa cerimônia denominada Coroação de Iansã⁴.

A fundação desse terreiro e a ordenação de Maria Oyá como mãe-de-santo, foram os primeiros passos para a transmissão de um legado espiritual passado de geração a geração. A casa funcionou de 1930 a 1938, quando mais um ato de intolerância religiosa (desta vez, encabeçada pelo Estado Novo, na era Vargas) fechou a instituição (Figuras 04 e 05).

ALVES (2018), afirma que a líder religiosa Maria Oyá, foi detida em meados de maio de 1938, e teve seus objetos pessoais e sagrados confiscados. Com a invasão policial a Casa, e o saque aos artefatos religiosos, os únicos acessórios que sobraram do terreiro foram a espada dedicada a orixá Iansã e uma pedra destinada ao orixá Exu, símbolos de proteção para a religião.

Cerca de um ano após os acontecimentos descritos, a yalorixá Maria Oyá faleceu acometida por uma grave depressão.

⁴Coroação de Iansã: cerimônia de consagração feminina em homenagem a Orixá da casa.

Com a passagem da yalorixá, aconteceu o que os xambazeiros chamam de diáspora do povo xambá. As famílias integrantes do terreiro se dispersaram por outros templos do município, e houve uma fragmentação na trajetória da nação. A casa sofreu um hiato de 12 anos (1938 a 1950), com celebrações feitas às escondidas, tanto pela repressão do Estado da época, como pela morte repentina de Maria Oyá, que não teve tempo de organizar a sucessão do seu ‘trono’.

Segundo ALVES (2018), só em 16 de junho de 1950 é que o templo é reaberto, num local que corresponde ao bairro de Dois Unidos, também em Recife. A liderança da casa de axé, ficou por parte de Severina Paraíso da Silva, a Mãe Biu, sobrinha de Maria Oyá; que junto com suas irmãs e parentes, deu continuidade aos cultos do terreiro. Mãe Biu é até hoje, o principal nome de força quando refere-se à ancestralidade na história da Nação Xambá. Biu reergueu o local e sob sua liderança, o itinerário da comunidade se transformou em uma história de conquistas e pertencimento.

Em 1951, um ano após a reabertura da casa, Mãe Biu decide mudar o logradouro para o local onde atualmente se encontra: na antiga Rua Albino Neves de Andrade, que hoje chama-se Rua Severina Paraíso da Silva, no bairro de São Benedito, em Olinda. Essa mudança, fechou o ciclo de dispersão dos endereços e fincou as raízes em torno de uma edificação em comum:

o Terreiro de Santa Bárbara, ou Ilé Axé Oyá Meguê, ou simplesmente o Terreiro de Xambá.

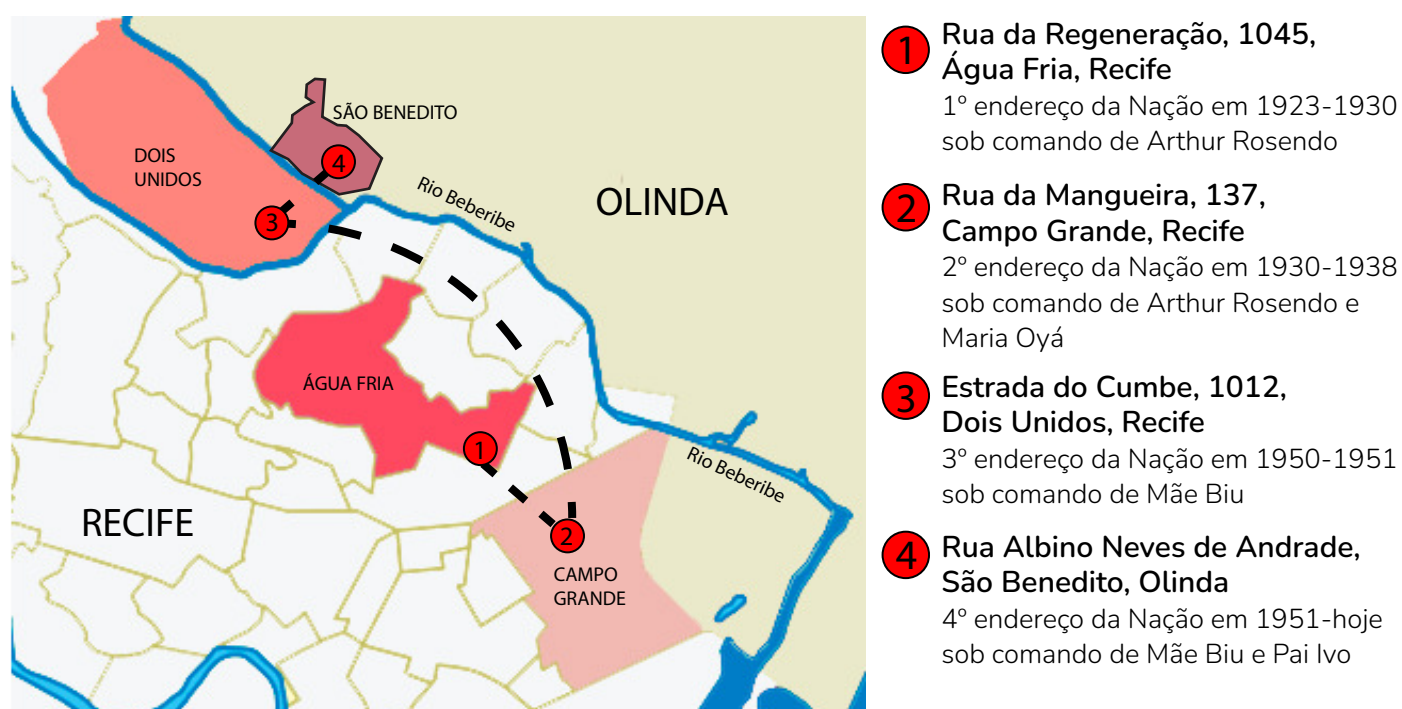


Figura 06: Mapa da diáspora do povo Xambá
Fonte: Google Maps/ Modificado pela autora

A presença da yalorixá e sua família na localidade, estruturou o senso de coletividade dos adeptos e moradores do entorno: após a vinda de mãe Biu para a região, foram organizadas diversas celebrações e até associações comunitárias (HOSTENSKY, 2018).

De acordo com Guitinho da Xambá (2014,p.68-69 apud HOSTENSKY, 2018, p. 173):

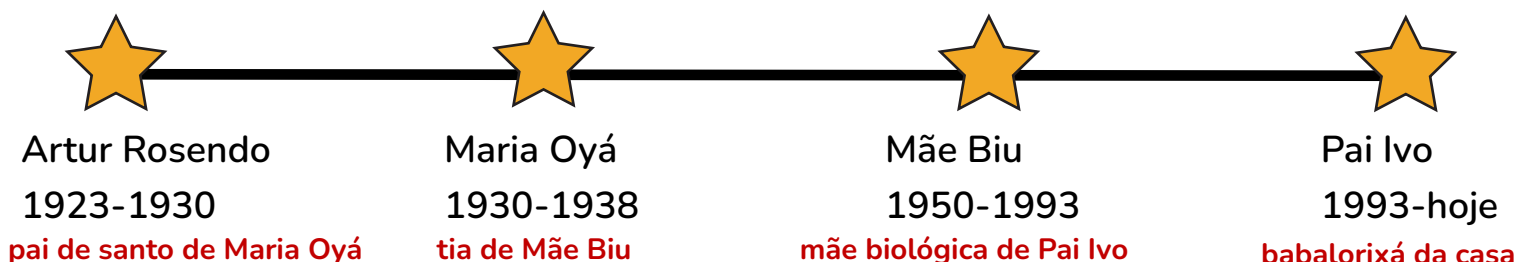


“Com o fechamento dos terreiros nos anos de 1930 muitas casas e adeptos do culto Xambá desapareceram. Outras, ao reabrirem, adotaram ou se fundiram com o culto nagô⁵. Assim, Mãe Biu, ao assumir o terreiro, tinha a missão de manter viva a única comunidade Xambá no Brasil. Para isso, ao chegar no Portão do Gelo, a primeira ação de Mãe Biu foi reconstruir os laços comunitários familiares de sangue e de santo, trazendo todos para o entorno do terreiro.”

Figura 07: Severina - Mãe Biu
 Fonte: Nação Xambá / www.xamba.com.br

Inicialmente, o primeiro terreno a ser comprado por Biu, é o local em que hoje funciona o salão principal das atividades do terreiro. Anos após, a mãe-de-santo adquire os dois terrenos adjacentes, que funcionam como pátio e garagem e como residência dos seus filhos.

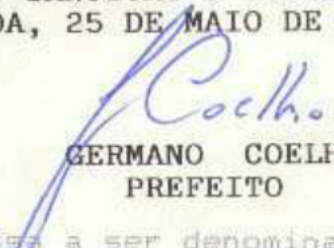
Severina Paraíso da Silva, a Mãe Biu, marcou uma geração de xambazeiros e até hoje sua memória é honrada em forma de celebrações e acervos pessoais. No dia 27 de janeiro de 1993, a yalorixá faleceu, mas deixou um enorme legado socio-espiritual aos seus filhos de sangue e de santo.



⁵nagô: nghnghjhg

A CÂMARA MUNICIPAL DE OLINDA Decreta

E EU, SANCIONO A PRESENTE LEI.
OLINDA, 25 DE MAIO DE 1995.


GERMANO COELHO
PREFEITO

Art. 1º - Passa a ser denominada Rua SEVERINA PARAÍSO DA SILVA, a atual Rua Albino Neves de Andrade, na localidade de Portão do Galo, em São Benedito, neste Município.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Casa Bernardo Vieira de Melo, em 17 de maio de 1995.

Figura 08: Lei Municipal nº 5000/1995 da Prefeitura de Olinda
Fonte: Prefeitura de Olinda

A HERANÇA DE MÃE BIU

Mesmo após a morte de Mãe Biu, a Nação não parou de lutar pelo seu reconhecimento. O primeiro ato em homenagem a matriarca, foi a mudança de nome do logradouro, que se chamava Rua Albino Neves de Andrade, e após a Lei municipal Nº5000 de 25 de maio de 1995, o endereço passa a se chamar Rua Severina Paraíso da Silva. (Figura 08)

Outro ponto importante, que simboliza a celebração da memória da ancestral, é o evento em comemoração ao aniversário da mãe-de-santo: o popular Coco de Mãe Biu. A yalorixá, em vida, aniversariava na data de 29 de junho e toda a família festejava mais um ano de sua existência, cantando e dançando com muito fervor. A festa também cortejava as entidades da Jurema Sagrada: religião de matriz afro-indígena e nordestina que dialoga com os preceitos do candomblé. O coco de Mãe Biu, também representa, nos anos mais antigos, um grande ato de resistência e disfarce, pois era uma forma de “esconder” as saudações religiosas da sociedade intolerante.

De acordo com (HOSTENSKY, 2018 p.205), o coco iniciou-se como um forma de camuflagem da religião, e tornou-se um evento espiritual e recreativo para toda a comunidade:

[...] O Coco da Xambá inicia-se como um disfarce, para encobrir as práticas religiosas do grupo no período da repressão aos terreiro. Em seguida, Mãe Biu, por ser muito festeira, gostava de comemorar seu aniversário. Para tanto, realiza em um ano uma festa e no outro um coco, para receber seus filhos e parentes que vinham de longe. Com o incidente de 1964, o coco entra numa nova fase. Mãe Biu faz uma promessa para os mestres da Jurema e, desde então, passa a comemorar seu aniversário sempre com um coco dedicado a eles.

Figura 09: Festa do Coco de Mãe Biu (2014)
Fonte: Memória e Verdade / Sara Fremberg



A celebração persiste até hoje, levando toda a comunidade a adentrar no terreiro e festejar uma boa sambada de coco (Figura 09). O evento ocorre há mais de 50 anos no local que atualmente funciona como pátio e garagem do terreiro. Além da música e dança oferecidas à comunidade, são ofertadas comidas típicas dos orixás, como xinxim de galinha e arrumadinho, promovendo o sentido de coletividade e abundância para os frequentadores (GUERRA, 2009).

A partir deste espírito de festividade, mesclando “o sagrado e o profano”, nasceu outro expoente de divulgação das práticas do terreiro: O grupo Bongar. A banda de coco, que surgiu do sangue das famílias pertencentes ao Ilê, foi criada em 2002 e tem como principal proposta a difusão da cultura xambá através da música; levando os ouvintes a experimentar um pouco o espírito da casa (CASTRO, 2016).

A musicalidade dos integrantes da banda e os fiéis do terreiro, sobretudo através da militância do vocalista, Guitinho da Xambá (in memoriam), ecoou tão forte que após muita luta e enfrentamento do poder público, foi inaugurado no ano de 2016, o Centro Cultural Grupo Bongar (CCBB) no perímetro de onde está localizado o terreiro. No local, são realizados ensaios, shows e no período carnavalesco, um polo denominado Polo Afro Nação Xambá.

Vale salientar que, alguns anos antes da inauguração do espaço (2013), um Terminal Integrado de Ônibus foi implantado pelo Grande Recife Consórcio de Transporte, na gleba adjacente ao CCBB, e recebe o nome de Terminal Integrado de Xambá, em homenagem a influência da nação na comunidade.

Figuras 10 e 11: Integrantes do Grupo Bongar e Fachada do Centro Cultural
Fonte: Revista Continente / Rennan Peixe e Acervo pessoal da Xambá



Outro ponto extremamente marcante para a trajetória da territorialidade do grupo, foi a certificação pela Fundação Palmares do perímetro do bairro que compõe a influência do Ilê, como um Quilombo Urbano. De acordo com o Art. 2 do Decreto Federal nº 4887/2003 , as áreas remanescentes de quilombo correspondem : “[...] os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.” Ou seja, todo o caminho percorrido pela comunidade xambá condiz com toda a definição descrita pela legislação que rege a política quilombola.

Para além da identificação com o que diz o decreto, o território hoje ocupado pelos xambazeiros, já foi, em sua ancestralidade, um quilombo no séc.XIX. O Quilombo do Catucá, como assim era chamado, abrangia desde os limites do Rio Beberibe; passando pelas matas e indo até o extremo norte (Goiana-PE) e o extremo sul do Estado (Moreno-PE) (CARVALHO, 1991). Sendo assim, no dia 13 de dezembro de 2006, foi instituído o Quilombo Urbano Portão do Gelo Nação Xambá, representando um grande marco para comunidade e para a cidade de Olinda, que possui o primeiro quilombo urbano do Nordeste e o terceiro do Brasil. O terreiro da nação, também foi considerado, no ano de 2018, um patrimônio vivo da cultura pernambucana; honraria dada pelo Governo do Estado através da Lei Estadual nº12.196/2002 àqueles que mantêm suas tradições marcadas no cotidiano popular.



Figura 12: Mapa Síntese do Quilombo Portão do Gelo
Fonte: Google Maps/ Autoral.

Por fim, o legado passado por Mãe Biu, se mantém cada dia mais presente. Atualmente, quem comanda a casa é Adeildo Paraíso da Silva, o Pai Ivo, filho de sangue da matriarca, que toca os aprendizados culturais e espirituais absorvidos por anos de história. Após o falecimento de sua mãe, Pai Ivo construiu um “balé” em memória de Mãe Biu e de outros antepassados - consiste em um cômodo altamente sagrado que tem como objetivo cultuar os espíritos ancestrais da casa. Neste espaço, apenas homens podem adentrar. Além desse ambiente espiritual, mais um grande triunfo para a casa foi a construção do Memorial Severina Paraíso da Silva - Mãe Biu, em 2002. Esta edificação é aberta a visitantes e possui fotografias do acervo pessoal da família, objetos, louças e outras lembranças daqueles que passaram por esse coletivo de muita beleza e prestígio.

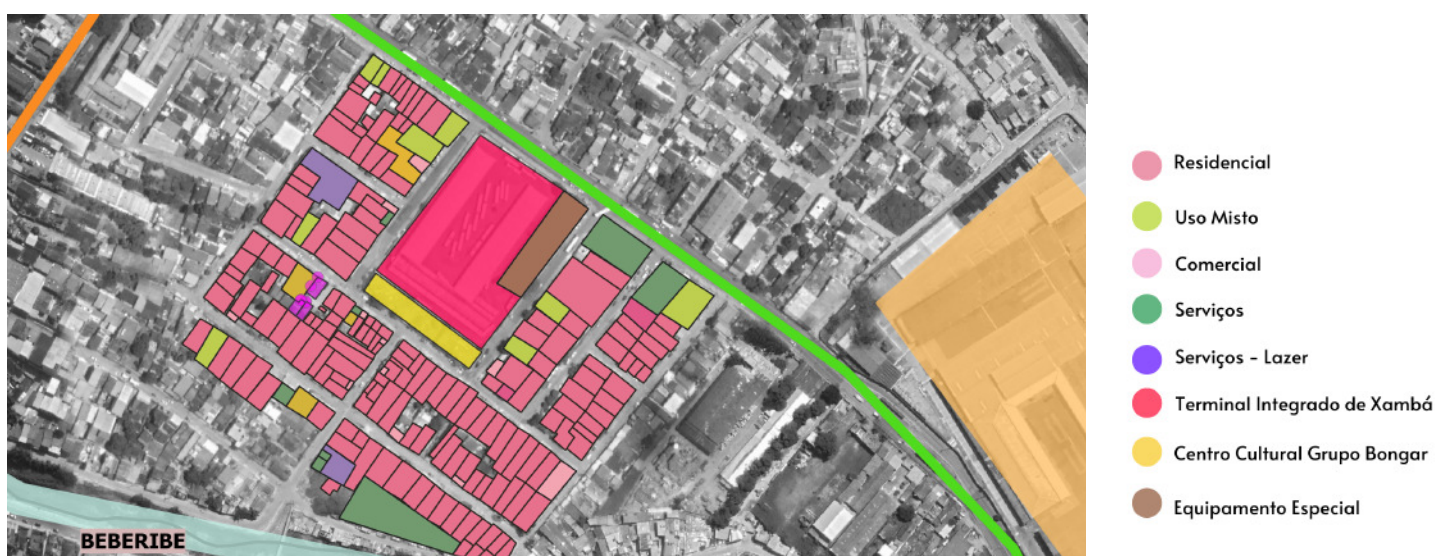


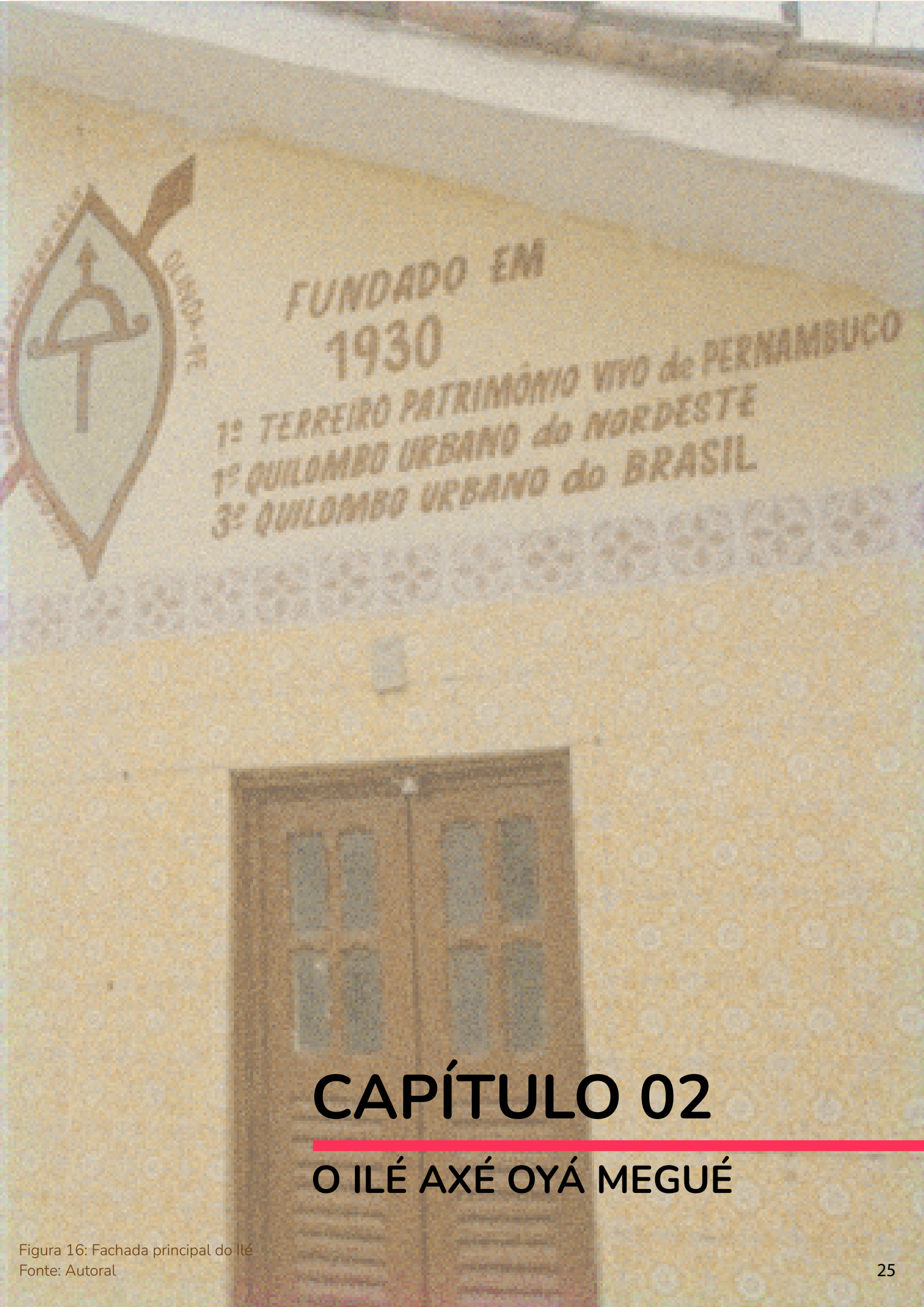
Figura 13: Mapa de Usos do Quilombo Portão do Gelo

Fonte: Google Maps/ Autoral.



Figura 14 e 15: Fachada do Memorial e Foto de Pai Ivo

Fonte: Autoral / Diego Di Niglio (2014)



CAPÍTULO 02

O ILÉ AXÉ OYÁ MEGUÉ

O CANDOMBLÉ DA NAÇÃO XAMBÁ

A etimologia da palavra Xambá vem da escrita original “Tchambá”, que corresponde a uma etnia africana localizada no atual país de Camarões. (ALVES, 2018, p.43). Apesar da ascendência na formação do vocábulo, a Nação Xambá existente em Pernambuco, considera-se uma religião com diretrizes próprias e cultos nativos. Vale salientar que quando se estuda o candomblé, é importante frisar a descendência das nações, pois as distinções das tribos étnicas vindas para o Brasil, tornam-se perceptíveis nas celebrações. Apesar de traços diferentes, a grande parte das casas de axé inspiram-se na tradição iorubá.

Para o melhor entendimento da resolução da proposta, fez-se necessária a compreensão acerca da religião e seus princípios.

Primeiramente, destaca-se que o candomblé é um culto de matriz africana baseado nos elementos da natureza e em deuses denominados orixás, que simbolizam o domínio e a representação animista desses elementos naturais. Cada fenômeno é representado por um orixá e esses seres possuem identidade, gostos e trejeitos particulares; onde os fiéis, ou filhos de santos, por sua vez, traçam seus passos de acordo com os agrados e obrigações dedicados a cada um deles.

Figura 17: O ato de comer com o orixá, Pai Ivo de Xambá em primeiro plano
Fonte: Raiz. Cultura Brasileira - Fotógrafo Paulinho Filizola



O candomblé do Ilé Axé Oyá Meguê, se baseia no culto a 14 orixás diferentes, com cores e características próprias. Cada orixá tem símbolos e celebrações, em meses diferentes e dias da semana, conforme nota-se na tabela abaixo:

ORIXÁ	SIMBOLISMO	COR	GUIA	SÍMBOLO	DIA DA SEMANA	SAUDAÇÃO
EXU	COMUNICAÇÃO ENTRE HOMENS E ORIXÁS/GUARDIÃO	VERMELHA	PRETA E BRANCA	BASTÃO DE MADEIRA	SEGUNDA-FEIRA	EXU BÊ OU BARÁ Ô EXU
OGUM	FERRO E METAIS	VERMELHA	CORRENTE DE METAL	LANÇA DE FERRO	QUARTA-FEIRA	OGUNHÊ !
ODÉ	MATAS, CAÇA, INTELIGÊNCIA	VERMELHA E VERDE	CORRENTE DE METAL	ARCO E FLECHA DE FERRO	QUARTA-FEIRA	ODÉ Ô E OKÊ ARÔ!
NANÃ	BARRO, LAMA E MANGUE	ROXA	VERDE E ROXA	—————	QUARTA-FEIRA	ATOTÔ SALUBÁ
BÊJI	ORIXÁS TRIGÊMEOS (CRIANÇAS)	BRANCA, VERMELHA E VERDE	BRANCA, VERMELHA E VERDE	DISTRIBUIÇÃO DE DOCES	QUARTA-FEIRA	—————
OBALUAIÊ	ORIXÁ DA CURA E DA DOENÇA	VERDE	VERMELHA E PRETA	SETA DE MADEIRA	QUARTA-FEIRA	ATOTÔ
EWÁ	ORIXÁ DA BELEZA	—————	AMARELA, ROSA E ROXA	ASSENTAMENTO: NA PANELA DE BARRO	QUARTA-FEIRA	—————
OBÁ	FORÇA E ENERGIA	ROSA	VERMELHA	ASSENTAMENTO: NA TIGELA DE LOUÇA	QUINTA -FEIRA	OBÁ CIÔ
XANGÔ	JUSTIÇA, RAIOS, PEDRAS E TROVÃO	BRANCA E VERMELHA	BRANCA E VERMELHA	MACHADO DUPLO	DOMINGO	KAÔ KABECILÉ
OYÁ/ IANSÃ	VENTOS E TEMPESTADES	ROSA	VERMELHA	ESPADAS	QUINTA -FEIRA	EPAHEY OYÁ E EPAHEY IANSÃ
AFREKÊTE	VODUM DAOMEANO	COLORIDA	COLORIDA	ASSENTAMENTO: NA TIGELA DE LOUÇA	QUINTA -FEIRA	—————
OXUM	OURO E ÁGUAS DOCES	AMARELA	AMARELA	ESPELHO	TERÇA -FEIRA	ORA YÊ YÊ Ô
YEMANJÁ	ÁGUAS SALGADAS	AZUL CLARO E BRANCO	TRANSPARENTES	LUA E ESTRELA	SÁBADO	ODÔ MIÔ
ORIXALÁ	PAZ	BRANCO	BRANCO	CAJADO	SEXTA-FEIRA	—————

Figura 18: Tabela mostrando as divindades cultuadas

Fonte: Nação Xambá (www.xamba.com.br) / Elaboração da autora.

Essas características, diferem-se de Ilê para Ilê; pois cada nação tem suas origens, cultos e princípios. Vale salientar, que segundo BASTIDE (1958), os rituais baseiam-se nos costumes dos africanos iorubás, e possuem estéticas comuns fundamentadas nos processos de incorporação dos orixás patronos de cada cabeça dos filhos e filhas de santo.

Os pilares para essas celebrações apoiam-se em cânticos, tradições voltadas à oralidade e danças com gestos específicos. Roger Bastide (1958. p 20-32) descreve as sete etapas de um “toque” ou “festa” dedicada a cada deus em questão, que se dividem em: **sacrifício; oferenda; o “padê” de Exu; o chamado dos deuses; danças preliminares; a dança dos deuses e os ritos de saída; necessariamente nessa ordem.**

Essas comemorações são o coração do centro de axé, e dispõem-se no salão principal e na grande totalidade dos cômodos do terreiro, conhecidos também como *ilé-orixá*.

Para melhor visualização de como funcionam as dinâmicas na casa da Nação Xambá, o seguinte trabalho visa também descrever cada cômodo presente atualmente na edificação, bem como seu grau de importância para o ilé.

OS ESPAÇOS DE CELEBRAÇÃO

Inicialmente, o primeiro terreno a ser adquirido por Mãe Biu foi o terreno do salão. Após alguns anos foi comprado o terreno das residências de Ivo e de Ailton da Xambá, e a outra área adjacente, que no princípio era a casa de Biu. (Figura 19)

Para melhor compreensão do projeto, foi elaborado um mapa de fluxos da casa (Figura 19). Por ser um templo religioso, a edificação lida diretamente com sacrifícios de animais; recepção de fiéis e visitantes de várias faixas etárias ao terreiro e a ida ao memorial que é aberta ao público. Os fluxos de todos os protagonistas recebidos no Ilé, nortearam a concepção dos cômodos e interligação entre eles. Os animais costumam entrar pela garagem, ir até a cozinha externa, após isso aguardar no curral e por último, ser sacrificado no peji. Outro ponto crucial para o entendimento dos espaços do edifício, é a linha tênue entre o público e privado que o alguns cômodos possui.

Figura 19: Diagrama de fluxos da casa
Fonte: VAASTU e André Moraes (2016) / Elaboração da autora.

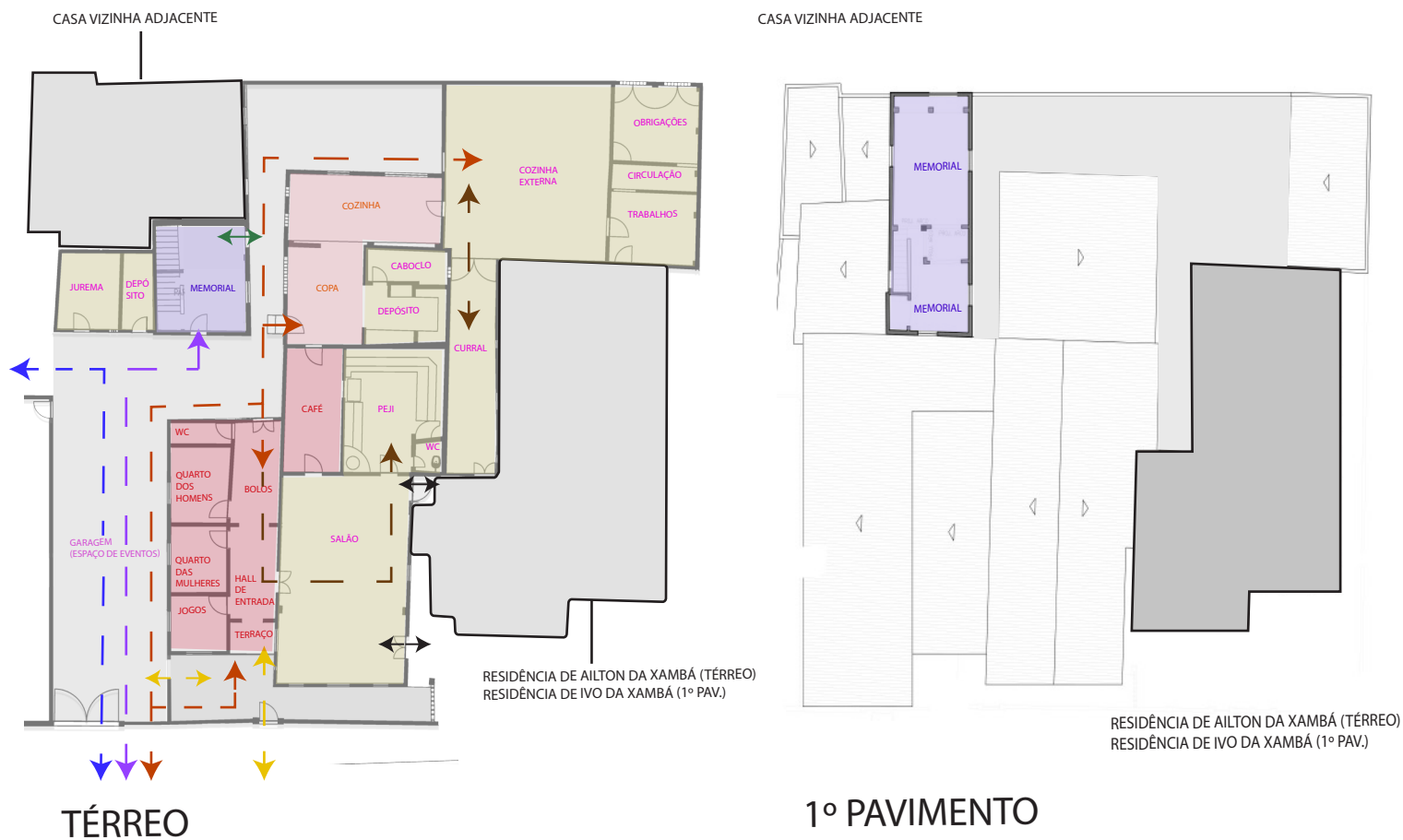




Figura 20: Planta baixa sinalizando a distribuição de ambientes
 Fonte: Elaborado pelo escritório VASTUU (2016) / Edição da autora.

O espaço do terreiro demonstra-se muito vaidoso em todos os ambientes. Cortinas, murais, estampas nas portas: tudo se volta para embelezar a casa e agradar aos orixás. Essa vaidade é o que dá espírito ao lugar, que já é cheio de axé.

A fachada principal remonta um vasto orgulho pela trajetória da casa. Ela estampa as espadas cruzadas e a coroa de lansã; os azulejos amarelos dedicados a Oxum; e o emblema do quilombo, bem como os títulos importantes da Nação.

Figura 21, 22, 23 e 24 e 25: Vaidade arquitetônica do Ilé
Fonte: Autoral / Diário de Pernambuco



1 SALÃO PRINCIPAL

O salão principal, ou barracão, é o local onde acontecem as mais importantes celebrações em qualquer terreiro. É neste espaço onde os fiéis dançam, cantam, festejam e até comem com os orixás. A configuração do barracão da casa xambá, assemelha-se aos demais salões encontrados em terreiros, que segundo Edson Carneiro (1912):

[...] Ao fundo do barracão há cadeiras de braços, às vezes poltronas e sofás para os visitantes ilustres.

A um lado, quase sempre separado por uma cerca de madeira, está o lugar reservado para os atabaques. Do outro lado está, sempre, um altar católico, com imagens dos santos mais em conexão com a gente da casa. O resto do espaço, junto às paredes, está ocupado por bancos de madeira para os assistentes.



Figura 26. 27 e 28: Palco de toques no salão
Fonte: Autoral

O espaço todo do salão da Xambá é revestido com um azulejo rosado, que corresponde a cor da orixá regente da casa: Iansã (Figura 30). Divide-se o barracão em uma área para os batuqueiros e seus tambores, que se acomodam em pé ou sentados num banco de alvenaria; um amplo espaço para os fiéis dançarem, incorporarem e realizarem as celebrações; e nos perímetros laterais, cadeiras, para os assistentes ou *ekedi*, acolherem os filhos e filhas de santo no momento das possessões. Vale frisar, que a recepção e cuidado aos fiéis e visitantes dos rituais, assim como em vários preceitos do candomblé, distinguem-se por gênero: mulheres em uma lateral e homens no lado oposto do salão.

Outro aspecto muito importante do salão, comum a todos os Ilés, é a presença do ponto onde foi enterrado o axé da casa. Consiste em uma marcação no chão do barracão, onde o “segredo” da nação está escondido. Segundo Roger Bastide (1958): “o mundo dos candomblés é um mundo secreto, no qual só se entra pouco a pouco”, e essa frase representa o mistério seduzente que envolve a religião. O axé, normalmente corresponde a elementos simbólicos que representam a força da casa; e esse traçado em muitos dos ilés é reproduzido em forma de um poste central.

No caso do terreiro da xambá, o local onde foram enterradas a força da casa, se distingue com a aplicação pisos diferentes; e as filhas e filhos de santo celebram ao seu redor. O salão é o local central da nação e une o orum (céu) com a terra. É um espaço sagrado, mas se mistura com a hospitalidade aos visitantes não iniciados que assistem as cerimônias e contemplam os orixás.

Em dia de toques e festas, os fiéis e visitantes lotam o espaço que acaba não comportando a quantidade de pessoas.



Figura 29: Filhas de santo celebrando ao redor do axé
Fonte: Revista Continente - Fotografia Diego Di Niglio



Figura 30: Azulejo com a cor de lansã
Fonte: Autoral.

2 PEJI

O peji é o centro de sacralização do terreiro. O local, em qualquer Ilé, é um altar dedicado aos orixás e possui objetos, cores e símbolos dedicados as divindades.

No espaço, também é feito alguns sacrifícios de animais de acordo com os rituais; que podem oferecer animais de 02 patas ou animais de 04 patas.

O peji da nação xambá possui algumas particularidades que diferem dos outros altares; é um único ambiente dedicado a celebração dos 14 orixás cultuados na casa.



Figura 31, 32 e 33: Interior do Peji
Fonte: Autoral

São 14 altares, dispostos em forma de “U” e separados por estantes apoiadas em paredes revestidas com cerâmicas com a cor corresponde a cada orixá. Por questões religiosas, o cômodo não possui janelas que facilitem o contato com o mundo exterior e deve ter comunicação direta com o salão principal, para facilitar os cultos.

Outra característica que difere o altar dos demais, é que na xambá, o *peji* também é *roncó*. *Ronco* ou *quartos dos yâos ou aliaché*, é um cômodo destinado a iniciação dos filhos e filhas de santo. O processo de conversão no candomblé, consiste em várias cerimônias e etapas, tendo portanto, uma etapa de reclusão social, para que nasça um novo espírito, mais fortificado e pronto para a vida dentro da religião.

Em muitas casas de santo, o quarto dos yâos, fica em um local mais restrito do terreiro, em um ambiente também sem janelas e longe das tradições profanas. No caso do Ilé Axé Oyá Megué, as pessoas que estão em processo de iniciação, ficam no *peji*.

Sendo assim, o local possui um espaço central condizente para a demanda e um pequeno banheiro de apoio para as necessidades fisiológicas do *yaô*.

Vale salientar que segundo Hildo Leal da Rosa, historiador da casa xambá, geralmente o local ocupa de 01 iniciado por vez; e em rara ocasião, no passado, já receberam 03 iniciados ao mesmo tempo.

Após o processo de reclusão e de vários ritos de iniciação, o terreiro se prepara para saída do *yaô*, que acontece no salão principal; o que ratifica a importância da conexão entre esses dois espaços.

3 SALA DO CAFÉ/JANTAR

Corresponde a uma sala repleta de fotografias de pessoas importantes para o terreiro, onde os fiéis organizam suas refeições, tanto em dias de celebração, quanto em dias comuns. O local tem uma grande mesa e espaço para acomodação das pessoas.



Figura 34, 35, 36: Interior da Sala do Café / Sala em dia de cerimônia
Fonte: Autoral / Raiz. Cultura Brasileira - Fotógrafo Paulinho Filizola

4 COPA E 5 DEPÓSITO DE PANELAS

A copa é um local de apoio da cozinha e de preparação de pequenas refeições. O depósito de panelas, é repleto de caldeirões e panelas de todos os tamanhos e tipos para o cozimento das comidas. Existe também uma estante de alvenaria onde ficam pratos e louças de cores correspondentes a cada orixá.



Figura 37, 38 e 39 : Interior do depósito de panelas
Fonte: Autoral.

6 QUARTO DO CABLOCO

Este ambiente, atualmente, funciona como uma espécie de altar dedicado ao Cabloco, entidade de cunho indígena, muito comum nos candomblés do nordeste.

7 COZINHA INTERNA E EXTERNA E 8 CURRAL

A cozinha da casa divide-se em duas: uma cozinha interna e outra externa. A parte interna possui espaços amplos, com bancadas nas laterais, que servem para corte e preparo dos alimentos. A cozinha externa, é um anexo do cômodo interno com mesas extensas e 08 pias distribuídas nas laterais do ambiente. O local possui ainda uma máquina de trituração dos animais e um fogão industrial.

No espaço de um terreiro, a cozinha é um espaço crucial, pois as oferendas, em muitas vezes são em formas de comidas específicas para cada divindade. Além das ofertas aos orixás, o alimento, para religião está presente em todas as celebrações do ilé e serve tanto os fiéis quanto os visitantes.

O cômodo também possui uma portinhola de acesso a um corredor, que é chamado de curral, onde em alguns momentos, os animais de quatro ou duas patas são ambientados antes do sacrifício.

Figura 40 , 41, 42 e 43: Cozinha interna e externa
Fonte: Henrique de Castro (2018) / Autoral



9 SALA DE BOLOS

O local é um ambiente de celebração onde são expostos bolos e tortas em dias de toques para os orixás e em outras festas. O espaço também é conectado com o pátio externo para melhor servir os fiéis e visitantes que vieram para as comemorações.



Figura 44 e 45: Interior da Sala de Bolos/ Sala em dia de cerimônia
Fonte: Autoral / Raiz. Cultura Brasileira - Fotógrafo Paulinho Filizola

10 HALL DE ENTRADA

O hall de entrada e o terraço, funcionam como uma recepção para a entrada das pessoas. O local marca o acesso a antiga casa de Mãe Biu, e hoje serve como sala de espera para as consultas de jogos de búzios e outras visitas.

11 QUARTO DE JOGOS

O quarto de jogos ou quarto de búzios, é o local onde se trabalha com o oráculo de Ifá. O Ifá, é um instrumento de adivinhação que consiste no jogo de búzios, com o objetivo de se comunicar com alguns orixás para entender melhor os passos do futuro. Para praticar o rito, não é necessário ser iniciado na religião, qualquer visitante pode se consultar. O quarto também funciona como uma sala de pequenas reuniões com as lideranças da casa.



Figura 46, 47 e 48: Pai Ivo na Sala de Jogos e Interior da Sala
Fonte: Luan Cardoso (2020) / Autoral

12 QUARTOS DE HÓSPEDES E WC SOCIAL

A casa possui dois quartos de hóspedes, para receber alguns fiéis que preferem repousar no próprio terreiro, quando as cerimônias acabam tarde ou quando alguns ritos começam no raiar do dia posterior. Os quartos são divididos por gênero: homens e mulheres, e possuem duas camas dispostas perpendicularmente. Após os cômodos, existe um banheiro social para atender as necessidades dos hóspedes, dos fiéis e dos visitantes durante o cotidiano do terreiro.

Vale salientar, que durante os toques os quartos também funcionam como vestuário para que os homens e mulheres troquem de roupa durante os cultos.

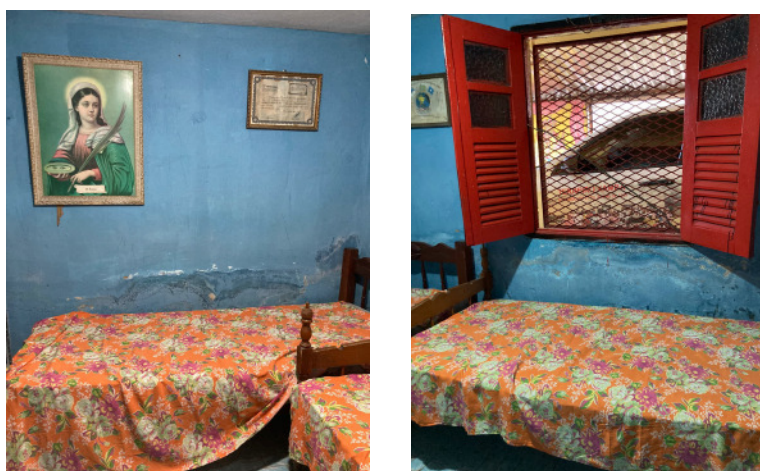


Figura 49 e 50: Sala de Hóspedes - Homens

Fonte: Autoral

13 PÁTIO DE EVENTOS/ GARAGEM

O pátio principal da casa é uma das ambiências mais importantes para o funcionamento do Ilé. É neste local que acontece o Coco de Mãe Biu, em todo dia 29 de junho: celebração de aniversário para a matriarca da casa. O espaço recebe dezenas de pessoas em fervor, que lotam o ambiente festejando a história de Severina Paraíso (Mãe Biu).

O lugar também faz parte do cotidiano dos moradores e xambazeiros, que conversam e se encontram em finais de semana ou dias comuns.

A área também serve de garagem para alguns automóveis da casa.



Figura 51, 52 e 53: Pátio de eventos

Fonte: Autoral

Frisa-se também, que na coletividade do terreiro (que faz parte de um Quilombo Urbano), o espaço também recebe ações da Prefeitura de Olinda relacionadas a saúde e educação infantil e outros serviços públicos.

O pátio principal, acolhe, atividades relacionadas a empreendedorismo afrocentrado, como cursos de formação de trancistas e execução de turbantes.



Figura 54 e 55: Pátio de eventos em dia de celebração e Pátio em dia Ação
Fonte: Facebook/Memória e Verdade / Prefeitura de Olinda.

14 QUARTO DA JUREMA

O quarto da jurema, em uma casa de axé, simboliza um espaço dedicado as entidades da Jurema Sagrada, religião de matriz afro-indígena, bastante presente na região nordeste. Vale salientar, que Jurema, também corresponde árvore sagrada, que da sua casca é produzida uma bebida com poder purificador.

Na casa Xambá, a Jurema é cultuada como um expoente paralelo ao culto aos orixás; pois pela pureza da devoção as divindades, não faria sentido a divisão da fé com outras entidades. Sendo assim, o local de assentamento da Jurema fica num espaço longe dos ambientes dedicados aos santos, e por obrigação, é um local menor, sem muitos avisos de entrada e restrito ao xambazeiros.

O coco de Mãe Biu, que ocorre todos os anos no mês de Junho, é dedicado aos mestres da Jurema como forma de respeito e promessa.

15 DEPÓSITO

O depósito externo é um local de apoio para guardar os pertences da nação e objetos para manutenção do espaço.

16 MEMORIAL SEVERINA PARAÍSO SILVA - MÃE BIU

O Memorial Severina Paraíso Silva - Mãe Biu, foi construído em 2002, em homenagem a grande mulher que tocou o terreiro por aproximadamente 40 anos.

O espaço se divide em térreo e 1ª pavimento:

O primeiro local serve como hall de entrada e é o ambiente em que fica hospedada a calunga feita para Mãe Biu. Em dias de Coco, a boneca gigante sai do ambiente e desfila pelas ruas do bairro. Também possui uma estante com livros com temas ligados a cultura negra.

O 1º pavimento, acessado por uma escada, possui o acervo em si, artigos importantes para a trajetória do espaço, como louças da própria Biu; documentos antigos de funcionamento do terreiro; manequins com as roupas das antigas lalorixás; objeto pessoais de matriarcas e muitas outras peças de extrema valia.

O memorial é aberto a visitação, e qualquer pessoa ou grupo, pertencente ou não a religião pode entrar e conhecer um pouco mais da história do quilombo.

Figura 56, 57 e 58: Fachada do Memorial Mãe Biu / Pai Ivo no Memorial e 1º Pavimento do Memorial
Fonte: Autoral / Elimar Caranguejo/Cultura PE (2018)



17 PÁTIO POSTERIOR

O pátio próximo a cozinha, é uma área de respiro no terreno. Atualmente, possui um banheiro improvisado para os visitantes e uma vegetação em homenagem a patrona da casa: Iansã.



Figura 59 e 60: Vista do corredor e do pátio posterior

Fonte: Autoral

18 BALÉ - SALA DE OBRIGAÇÕES E SALA DE TRABALHOS

O *quarto do balé* ou *ilé-saim*, é um espaço dedicado ao culto dos mortos e ancestrais que foram cruciais para o desenvolvimento de uma casa de axé.

Segundo BASTIDE (1958): “A casa dos mortos está o mais afastada possível da dos Orixá” e na xambá, especificamente, o ambiente se localiza nos fundos da cozinha.

No caso do terreiro Ilé Axé Oyá Meguê, o balé foi construído após a morte de Mãe Biu em 1993. O ambiente se divide em 02 partes: a sala de obrigações e sala de trabalhos. Ambas as salas, dedicam-se a cultuar e oferecer sacrifícios aos antigos espíritos que marcaram a história da nação.

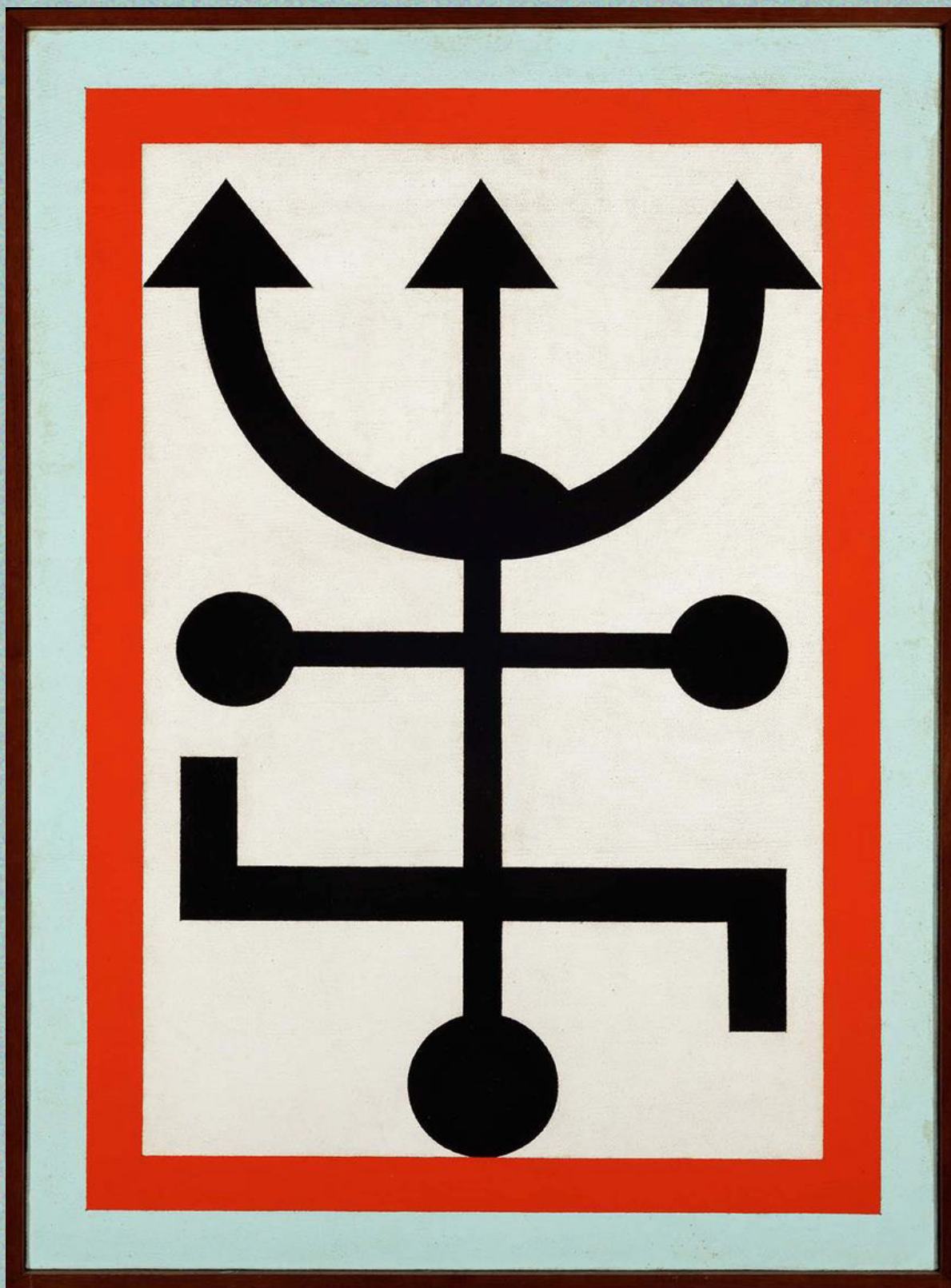
Uma outra curiosidade, pontuada por Bastide (1958), é que a construção não pode ter aberturas além da porta de entrada, pois temem-se que os mortos apareçam para chatear os vivos ou os orixás, que se encontram no peji.

Salienta-se também, que nestas salas, por questões religiosas, só homens podem adentrar.



Figura 61: Vista da porta do Balé

Fonte: Autoral



CAPÍTULO 03

REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Figura 62: Quadro de Rubem Valentim
Fonte: Rubem Valentim

Para a maior compreensão e desenvolvimento seguro no processo projetual, foram analisadas algumas obras artísticas e arquitetônicas que serviram de inspiração e modelo para a elaboração do projeto. As referências agregam potencialmente na concepção, pois exibem a aplicação ativa de materiais, formas e elementos que estarão presentes na organização da proposta para o Ilé Axé Oyá Meguê.

A ARTE DE RUBEM VALENTIM

Rubem Valentim foi um artista baiano, que transmitiu em suas obras uma visão sobre o sagrado afrobrasileiro. O pintor e escultor, iniciou seus trabalhos como autodidata em aproximadamente 1940, flertando sempre com uma temática que valoriza as artes tradicionais da região Nordeste. A partir da década de 1950, após uma época de renovação de artes plásticas na Bahia, Valentim resolve explorar a riqueza da fé das religiões de matriz africana, compondo obras geométricas inspiradas nos orixás e na dinâmica dos terreiros.

Em seus escritos, sobretudo o “Manifesto Ainda que Tardio” (1976), Rubem descreve sua arte como uma leitura contemporânea universal do sagrado afrobrasileiro:

[...] Minha linguagem plástico-visual-signográfica está ligada aos valores míticos profundos de uma cultura afro-brasileira (mestiça-animista-fetichista). Com o peso da Bahia sobre mim – a cultura vivenciada; com o sangue negro nas veias – o atavismo; com os olhos abertos para o que se faz no mundo – a contemporaneidade.

Figura 63: O artista e suas obras
Fonte: Ascom/MAM/Governo da Bahia

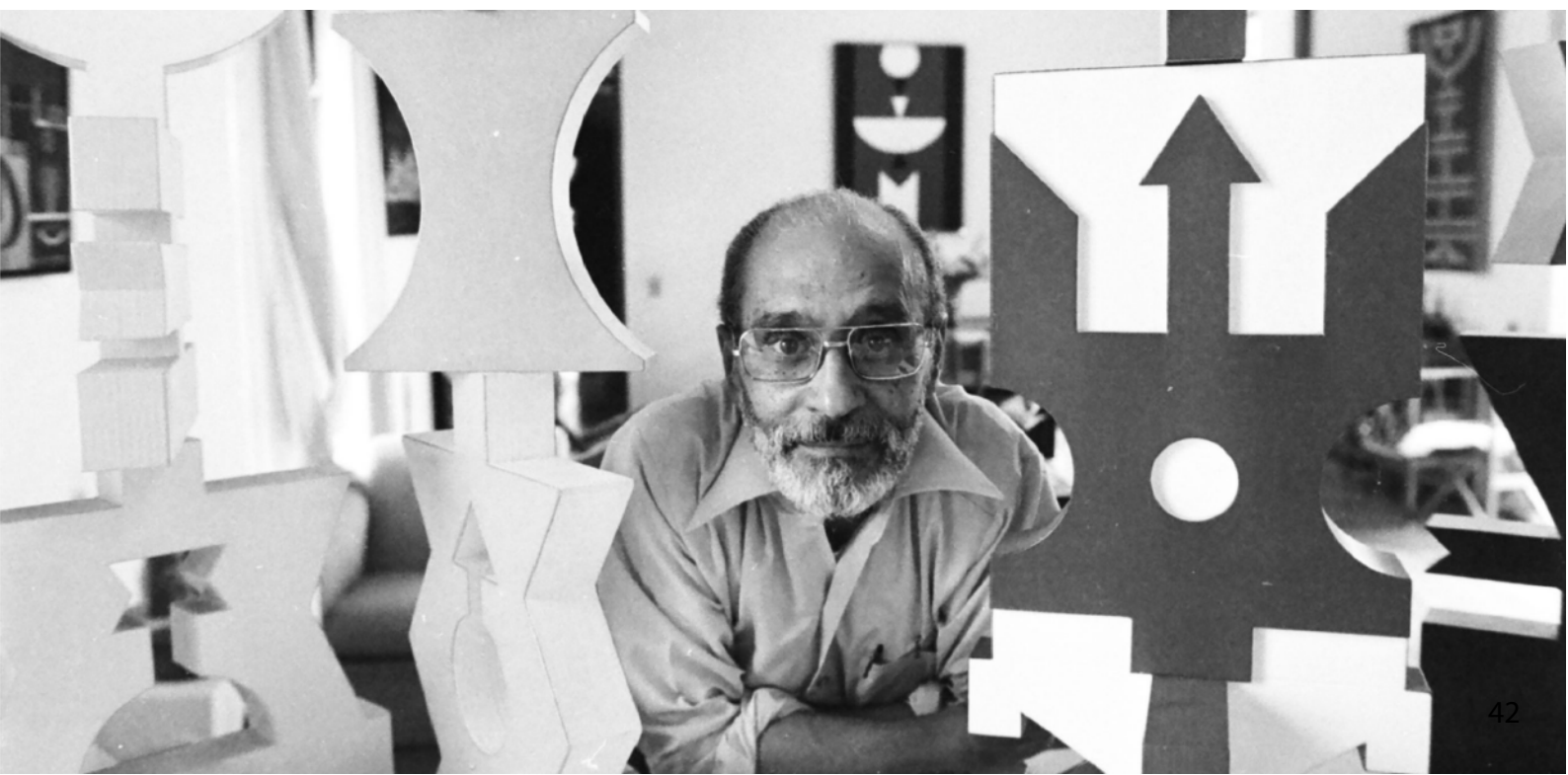




Figura 64: Painel com obras emblemáticas de Rubem Valentim
Fonte: Rubem Valentim / Editado pela autora.

As composições de Valentim, brincam com as formas geométricas puras e cores vibrantes muitas vezes associadas com os símbolos e cores dos orixás. Seus emblemas, misturam a poética afrobrasileira com o construtivismo; partido moderno de vanguarda europeia conhecido por explorar geometrias.

A criatividade do artista, em oferecer uma linguagem moderna a simbologias tradicionais, foi o que, de início, norteou alguns aspectos da proposta em questão. A ordem simétrica e a pureza dos elementos casam a ancestralidade religiosa com a modernidade e transmitem a fé de maneira peculiar e reluzente. Em algumas de suas obras, torna-se nítido a divisão dos espaços em módulos regulares que contrastam entre as formas geométricas: caráter com poder de ratificar a analogia da setorização de ambientes dentro de uma edificação.

A junção arte e arquitetura é uma soma que pode ir muito além do senso estético visual. A estrutura dos quadros de Rubem Valentim, inspirou o presente trabalho na construção de uma malha que divide os ambientes em espaços cheios e vazios; circulação e estar; público e privativo e entre outros aspectos que compõe os caminhos para o projeto de uma edificação sagrada e tão importante para a história da cidade de Olinda.

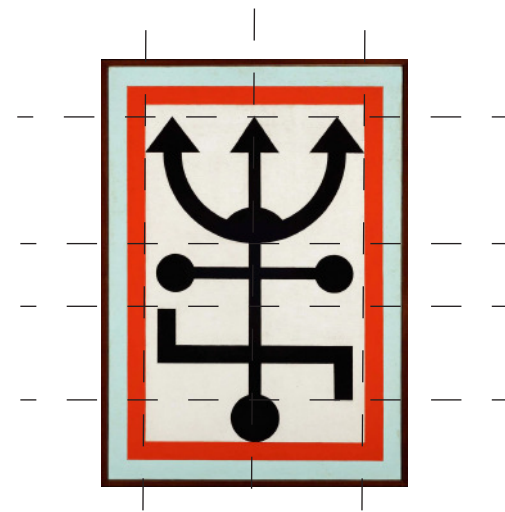
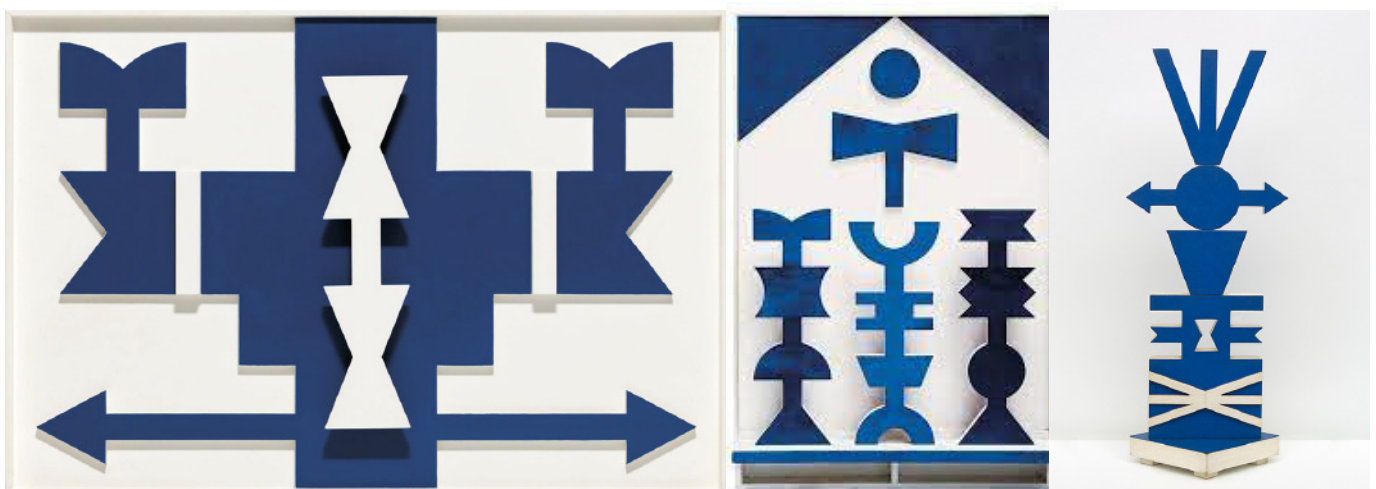


Figura 66: Malha na composição de Rubem Valentim
Fonte: Rubem Valentim / Editado pela autora.



OS TRAÇOS DE LINA BO

Achilina Bo, de codinome Lina Bo, foi uma arquiteta ítalo-brasileira que marcou a geração da arquitetura modernista no séc. XX. A artista veio pro Brasil, em 1946 e instalou-se em São Paulo por aproximadamente 5 anos. Na cidade, a arquiteta fincou sua identidade com edifícios monumentais como o famoso Masp (Museu de Arte de São Paulo) e o MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo). Após 13 anos de moradia paulista, a arquiteta se encontra com a cosmopolita cidade de Salvador, no Estado da Bahia.

Com este encontro, a arquiteta adapta-se a uma realidade diferente da que ela conhecia em São Paulo, e se lança a criar projetos que unam o popular e a arquitetura moderna. Rosseti (2003), em seu artigo para a Revista Vitruvius, afirma que Lina conseguia equilibrar a tensão entre o moderno e o tradicional:



Figura 67: A arquiteta Lina Bo Bardi
Fonte: FOLHA-UOL / Editado pela autora.

A arquitetura de Lina Bo Bardi é surpreendente pela multiplicidade com que se manifesta, se constituindo num procedimento fértil que propõe soluções arrojadas e também incorpora soluções vernaculares, que organiza e participa de movimentos culturais, e assim, estabelece seu código poético. O enfrentamento da tensão moderno/popular se faz premente para pensar o espaço e a materialidade de um projeto moderno que se estrutura a partir da valorização de um fator cultural, mormente não considerado como parte integrante de tal procedimento de criação: a cultura popular, com seus usos e seu saber fazer.

CASA DO BENIN NO BRASIL

Nesse ínterim, as obras de Lina em Salvador, serviram de muita poética e inspiração para a proposta a ser apresentada. A primeira edificação da artista a ser analisada no presente trabalho, é a Casa do Benin no Brasil.



Figura 68 e 69: Casa do Benin no Brasil
Fonte: Viaje Comigo / Flickr/Gabriel Fernandes

O projeto consistia numa edificação que simbolizasse um pouco do espírito das relações do Benin com o Brasil; ambos os países passaram por séculos de exploração e colonização europeia sobretudo no que diz respeito ao tráfico negreiro. A edificação projetada por Lina, consiste em um pavilhão circular composto por vários pilares integrados nas paredes que não se estendem até o teto. A cobertura de madeira e palha é apoiada por toras de madeira fincadas nas paredes, dando um aspecto rústico semelhante as construções vernaculares localizadas no Benin.



Figura 70 e 71: Casa do Benin no Brasil
Fonte: Leonardo Finotti

Além do pavilhão, o projeto também conta com mais duas edificações, sendo uma histórica e a outra de cunho modernista. O interior do museu é composto por detalhes sinuosos como pilares revestidos de palha trançada, paredes de pedras expostas e elementos de concreto aparente. Todas essas nuances incorporadas no traçado da arquiteta, foram de grande inspiração para a concepção do partido arquitetônico do terreiro. A união entre moderno e tradicional, a verdade dos materiais criando uma poética lúdica e atraente e o capricho na composição do paisagismo

Figura 72, 73, 74 e 75: Casa do Benin no Brasil

Fonte: Instituto Bardi / Flickr/ Gabriel Fernandes/ Leonardo Fiotti



A INTERFERÊNCIA NO TERREIRO DO GANTOIS

O Ilé Iyá Omi Àse Iyamasé ou o Terreiro do Gantois, localizado em Salvador, Bahia, é uma das casas de santo mais importantes do Brasil. Fundado aproximadamente no séc. XIX por Maria Júlia da Conceição Nazareth, uma africana livre que foi a primeira ialorixá da casa.

Em 2017, o terreiro recebe uma edificação anexa em homenagem a atual matriarca que comanda o Ilé: O Centro Comunitário Mãe Carmen do Gantois. O espaço foi projetado pela Fundação Mário Leal Ferreira e possui um salão com capacidade para 50 pessoas, uma sala para cursos, uma sala de percussão e leitura e um consultório médico.



Figura 76 e 77: Centro Comunitário do Gantois

Fonte: Max Haack/ Jornal Grande Bahia/ Bruno Concha- Bahia Já

O centro comunitário, se integra de forma monumental sem tirar o destaque da edificação preexistente no terreiro. Segundo os arquitetos da Fundação Mário Leal Ferreira:

O partido arquitetônico adotado para o Centro Comunitário Mãe Carmen do Gantois foi inspirado no Osé, ferramenta do Orixá Xangô, que representa um machado de duas lâminas, cujo formato permite que este elemento seja visível em qualquer posição do observador, tanto em vista aérea quanto terrestre. A representação do Osé é reforçada por ser um símbolo de justiça e pelo cunho social, comunitário e administrativo atribuído a esse Orixá. O Centro [...] tem formato em trapézio espelhado e o meio mais estreito que as extremidades, permitindo a inserção da circulação externa, além de resguardar as faces laterais de uma incidência solar mais direta. A utilização de materiais naturais conecta o edifício, enquanto objeto, e o integra com a natureza: matriz, base fundamental e elemento principal para o candomblé dentro da pluralidade de suas manifestações. [...] As áreas internas atendem ao programa de necessidades, esses espaços se comunicam com o exterior através de grandes panos envidraçados, atribuindo maior integração visual. [...]



Figura 78 e 79: Centro Comunitário do Gantois

Fonte: News Bahia/Max Haack/ Jornal Grande Bahia/ Bahia Já



“A estrela mais linda, hein
Tá no Gantois
O sol mais brilhante
Tá no Gantois
A beleza do mundo
Tá no Gantois
A mão da doçura, hein
Tá no Gantois
O consolo da gente, ai
Tá no Gantois
A Oxum mais bonita, hein
Tá no Gantois”

(Dorival Caimmy, Oração de Mãe Menininha)

Figura 80 : Centro Comunitário do Gantois

Fonte: TripAdvisor/ Gerson (2019)



CAPÍTULO 04

UMA CASA PARA A NAÇÃO

Figura 81 : Vista da rampa
Fonte: Autoral

VISITAS

Para melhor entendimento das demandas projetuais foram feitas algumas visitas ao local. Inicialmente as idas corresponderam à um contato primário nos ambientes mais públicos do quilombo, sendo assim, os espaços experienciados foram o Centro Cultural do Grupo Bongar e o Memorial Severina Paraíso Silva - Mãe Biu. A introdução ao Ilé Axé Oyá Meguê se deu após duas visitas ao local e na ocasião, foi feita uma reunião com Pai Ivo da Xambá e Gleidson da Xambá acerca do interesse em desenhar uma proposta para o terreiro. Essa vontade surgiu da leitura de algumas matérias do jornal Diário de Pernambuco (2020) acerca da necessidade de requalificação do espaço (Ver Figura 82)

A recepção nas reuniões acerca da requalificação foi extremamente amigável, e com as visitas, adquiriu-se conhecimento sobre o processo de funcionamento da casa. Após reunir todas as informações acerca dos fluxos, ambientes e outras dinâmicas, inicia-se o processo projetual. Nas conversas, foram citadas algumas problemáticas importantes como:

- O alagamento do salão devido as fortes enchentes acometidas na cidade, além do nível da casa ser 40 cm abaixo do nível da calçada;
- A lotação do salão e o do pátio em dias de eventos importantes;
- A umidade excessiva, causando mofo nas paredes;
- Algumas estruturas prejudicadas;

Figura 82: Recorte de jornais do Diário de Pernambuco (2020)
Fonte: Diário de Pernambuco/ Editado pela autora.

Para celebrar 90 anos, Terreiro Xambá lança campanha para reformar estrutura física

Por: Viver/Diário

Publicado em: 05/06/2020 19:30 | Atualizado em: 05/06/2020 19:44



Aos 90 anos, Terreiro Xambá, núcleo de preservação africana no Brasil, precisa de ajuda

Por: Juliana Aguiar

Publicado em: 05/07/2020 15:08 | Atualizado em: 06/07/2020 13:18



CONCEPÇÃO

A trajetória projetual seguida dividiu-se em: **processo de concepção; pesquisa de elementos e materiais, e por fim, elaboração dos desenhos.**

O processo criativo foi inspirado nas formas geométricas puras (muito utilizadas em algumas vanguardas européias, sobretudo a Bauhaus) e nas cores das Orixás cultuadas na casa, especialmente Iansã (rainha dos ventos e tempestades), divindade patrona do Ilé; e Oxum (deusa das águas doces e do ouro), orixá-mãe de Pai Ivo, o líder do terreiro.

Atualmente, essas divindades são homenageadas com as cores amarela e rosa nas fachadas principais, em desenhos estampados nas paredes do local, em azulejos, nas cortinas das janelas e em outros elementos arquitetônicos.

Para a compreensão do estudo projetual, levou-se em conta a personalidade das deusas Oxum e Iansã, que serão brevemente descritas neste capítulo.

Segundo Reginaldo Prandi, em seu clássico *A mitologia dos Orixás* (2001), o nome Iansã significa “mãe nove vezes” e foi uma espécie de apelido recebido por Oyá, nome “verdadeiro” da divindade. Oyá é a orixá dos ventos e tempestades, e tem uma personalidade ríspida e guerreira. Ela possui uma espada, um “erukerê” - elemento semelhante a um abanador feito de palha ou rabo de boi, e um chifre como instrumentos de força e proteção. (IMAGEM XX).

PASSOS (2008) define a deusa como “senhora dos movimentos”:



Oyá é o orixá dos grandes movimentos e das várias formas. Formas estas que representam seu domínio sobre vários elementos da natureza, a sua essência é a liberdade inclinada à constante transformação.

E apesar de ser essencialmente aérea, e de dominar o tempo atmosférico, Oyá é uma das poucas divindades africanas conhecidas por nós, que se faz presente em todos os elementos primordiais do planeta.

Figura 83: Personificação de Oyá

Fonte: Juntos no Candomblé/ Editado pela autora.

<http://www.juntosnocandomble.com.br/2009/08/oriki-de-oja-yansa-saudacao-louvacao.html>

Outra analogia importante no espírito da deusa, é o fato dela ser chamada de mulher-búfalo ou mulher-borboleta, pois, ao mesmo tempo que ela consegue ser austera e sisuda como um animal de grande porte, pode ser leve e doce como uma borboleta.

Sua cor em outras casas de axé, costuma ser vermelha, mas na Casa Xambá, ela é simbolizada através da cor rosa; e vários elementos arquitetônicos no Ilé à homenageiam. Vale salientar, que no sincretismo religioso da Igreja Católica, a santa equivalente a Oyá é Santa Barbára.



Figura 84: Eruekê de lansã
Fonte: Elo 7/ Ancestrais Atelier

<https://www.elo7.com.br/eruexim-de-iansa-oya/dp/1991C3A>



Figura 85: Instrumentos de Oyá
Fonte: Instituto Carybé/ Facebook

<https://pt-br.facebook.com/InstitutoCarybe/posts/2289239717813618/>



Figura 86 e 87: Louvação de Oyá
Fonte: Paulo Filizola/Instagram

A outra divindade cultuada é Oxum. Ela tem domínio das cachoeiras, rios e lagoas, adora ouro e cobre e possui um espelho como ferramenta principal. Oxum é também a rainha da fertilidade - conhecida como a mãe das mães - ela possui grande beleza e vaidade.

Segundo GONÇALVES (2009, p.12) a orixá inspira meiguice e luta: “[...] Oxum como um orixá cheio de doçura, de encanto feminino e de meiguice. Porém, a Oxum não revela a deusa por inteiro. Ela também é guerreira intrépida e lutadora.”

A orixá rege a cabeça de Pai Ivo da Xambá, o babalorixá da casa, e é homenageada no azulejo amarelo da fachada e nas cortinas das portas em dias de celebração. No sincretismo religioso, ela é representada por Nossa Senhora do Carmo.

Figura 88: Personificação de Oxum
Fonte: Dicas Delas

<https://dicasdelas.dci.com.br/comportamento/oracao-de-oxum/12783/>

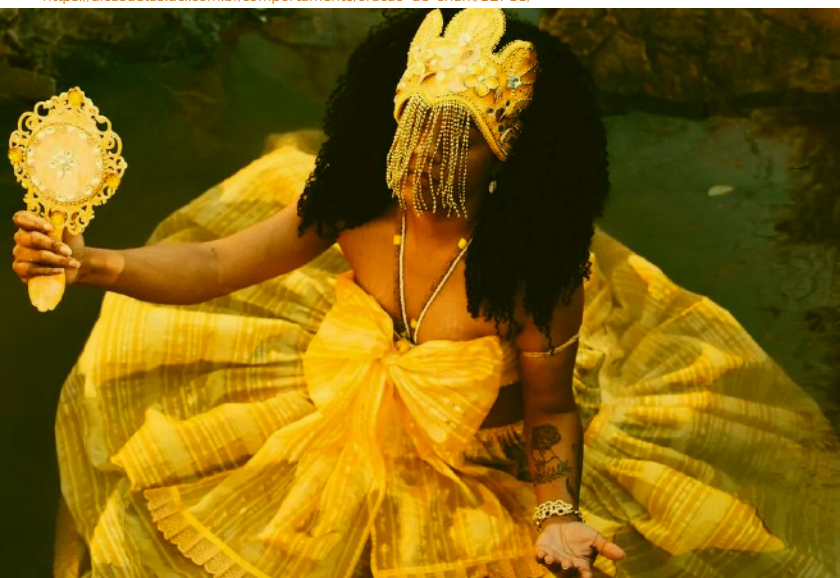


Figura 89: Azulejo amarelo da fachada principal
Fonte: Autoral.



A decisão projetual que norteou o desenvolvimento do traçado, foi a preservação da fachada principal - elemento muito importante para a história da Nação Xambá que carrega o orgulho e memória do caminho até aqui , com ênfase na homenagem as orixás Oxum e Iansã.

Figura 90: Fachada principal do Ilé
Fonte: Autoral.



Retomando a justificação dos conceitos adotados, ratifica-se a escolha das formas puras, com a intenção de aproximar o projeto a simplicidade e perfeição dos elementos da natureza. Esse partido (triângulo-quadrado-círculo e amarelo-vermelho-azul), inspirado pelos preceitos da Escola de design alemã - Bauhaus, tenta criar uma gramática visual que oriente os traçados modernistas, tanto na arte como na arquitetura. Um artista moderno que utilizou das formas e cores primárias, e das misturas entre elas, foi Wasily Kandinsky. Pintor de origem russa, o artista conseguiu em suas obras e escritos, teorizar acerca da essência da geometria natural e da simplicidade em suas composições abstratas. De acordo com Megan Fontanella (2021) em seu artigo sobre o pintor, para o portal eletrônico Das Artes:

“Ele continua a investigar a correspondência entre cor e forma e seus efeitos psicológicos e espirituais, e as formas geométricas [...] Para Kandinsky, o triângulo incorporava ação e agressividade; o quadrado significava paz e calma; e o círculo, o reino do espiritual e do cósmico.”



Figura 86: Tríade geométrica e visual
Fonte: Autoral/ Bauhaus

Esse conceito moderno é muito presente nas concepções de Rubem Valentim, artista referência deste presente trabalho.

Este partido arquitetônico, encaminhou a concepção de um elemento muito importante para o projeto: o cobogó. COBOGÓ é um artefato nordestino utilizado para oferecer ventilação e iluminação de forma discreta aos ambientes. Essa peça foi crucial para o desenho do terreiro, pois o espaço religioso mistura ambientes de vários usos, alguns mais ocultos outros mais exibidos. O traçado do cobogó foi inspirado no movimento da orixá Iansã, rainha dos raios, ventos e tempestades. A ideia foi mesclar a dinamicidade da orixá, com o modernismo adotado por Lina Bo Bardi e por outros arquitetos modernistas,

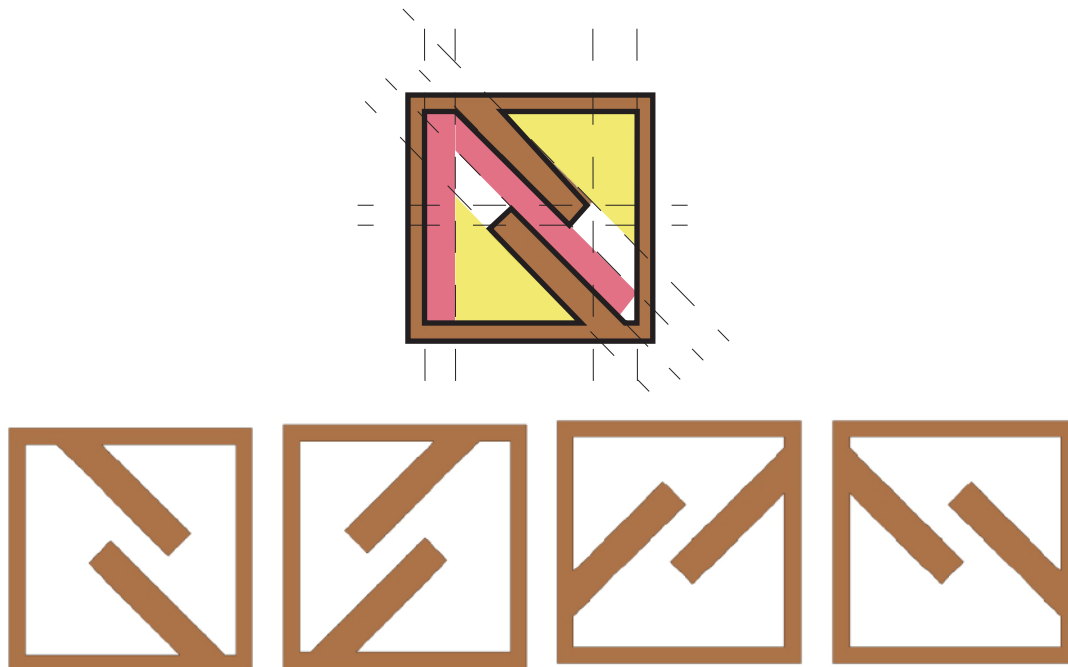


Figura 91: Malha de composição do módulo principal do cobogó e rotações possíveis para uso
Fonte: Autoral.

O COBOGÓ RAIO, oferece energia e leveza com a junção de retângulos, quadrados e triângulos, compostos por cheios e vazios para luz e ventilação. A concepção também foi pensada na representação do toque entre o sagrado e o terrestre e na intersecção desses planos, como o espaço do Ilé.



Figura 92: Releitura da obra A criação de Adão, de Michelangelo
Fonte: Harmonia Rosales/Metrópoles/Editado pela autora.

A soma entre sagrado e profano, foi um partido adotado e está presente não só no COBOGÓ, mas também na concepção das cobertas do Salão Principal. BASTIDE (1961) em seu livro O Candomblé da Bahia, elabora um belíssimo ensaio sobre o que representa o salão e o 'poste central' numa casa de axé:

“O solo é a terra, o teto é o céu; entre as duas divindades, os Orixá imitam com sua mímica a vida dos elementos da natureza [...] o salão de dança é então o microcosmo, ou também, o mundo reconstituído em sua realidade mística, que é sua verdadeira realidade.”

ELEMENTOS E MATERIAIS

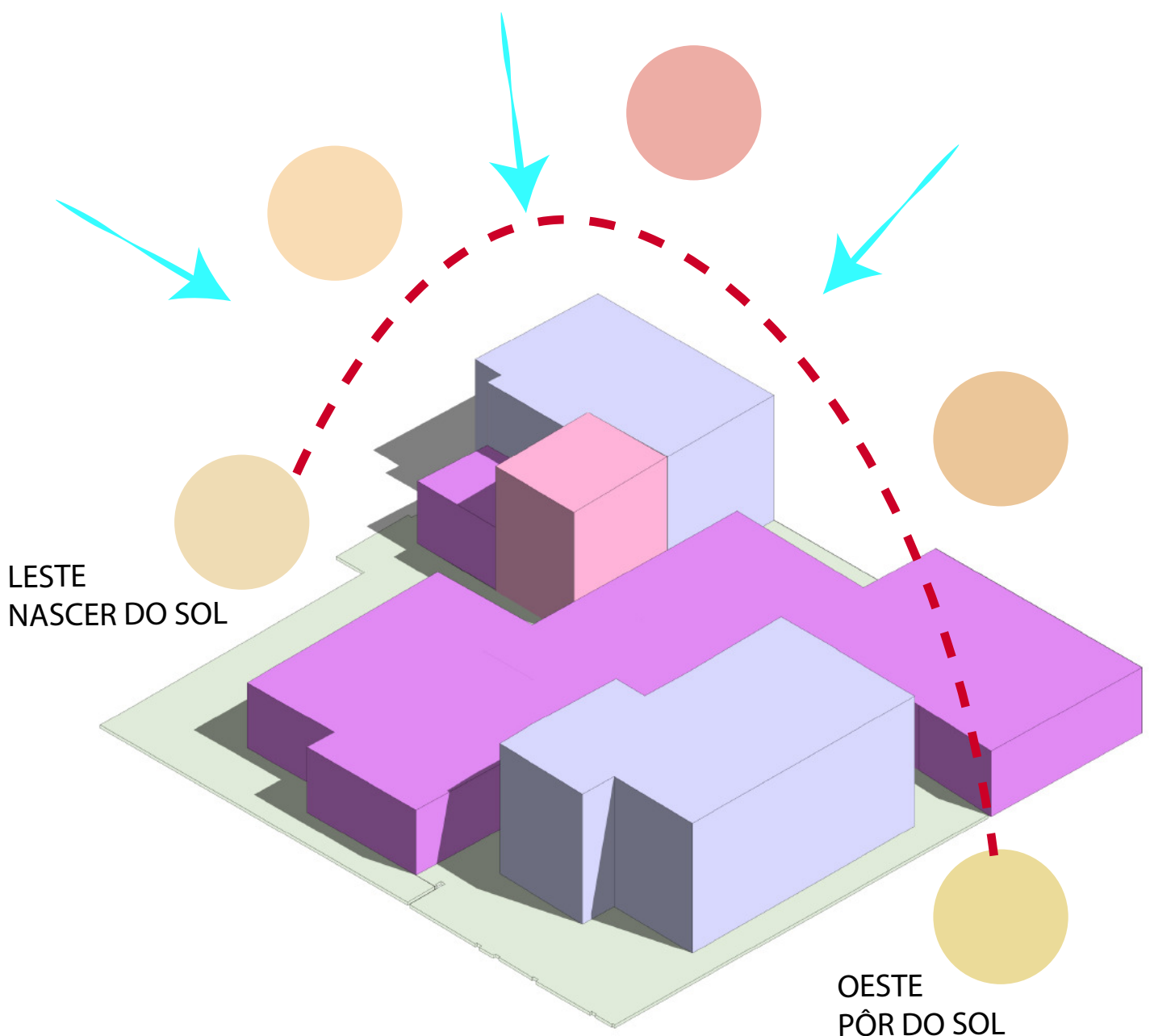
Antes da escolha dos materiais, foi feita uma análise acerca do conforto ambiental no espaço que abriga o terreiro. A fachada principal é voltada para o norte enquanto os fundos da casa estão voltados para o sul e oeste. Com um diagrama rápido de insolação e ventilação, foi possível pensar em materiais existentes e utilizados nas construções brasileiras, que beneficiassem tais aspectos.

O terreiro brasileiro, assemelha-se, volumetricamente, a solução projetual das residências periféricas, pois, muitas vezes, são feitas no improviso e precisam ser discretos em seus cultos devido à intolerância religiosa.

A escolha dos materiais, foi pensada de acordo com essa estética, porém adaptando para os ambientes para o conforto dos usuários e para a conexão com as raízes da religião africana.

Figura 93: Diagrama de análise projetual

Fonte: Autoral.



MADEIRA

A madeira certificada de eucalipto tratado foi empregada no projeto, sobretudo nas esquadrias: portas e janelas. Destaca-se no projeto o uso da madeira ripada, em forma de venezianas verticais e horizontais, afim de dar privacidade e mistério.

Outro ponto onde a madeira foi empregada, dessa vez, a madeira certificada de massaranduba, foi na estrutura das cobertas do salão e do peji, e em pergolados nos espaços de estar e transição. A escolha deste material, se deve ao toque rústico oferecido, além de ser uma proposta sustentável e natural, reforçando a importância do uso de elementos presentes na natureza numa casa de axé.

TELHA CERÂMICA DO TIPO COLONIAL

A telha cerâmica é um combo entre funcionalidade e conforto. A cobertura mistura a estética residencial com um excelente desempenho térmico, proposta assertiva para o uso do salão. A opção por esse tipo de cobertura, se dá pelo custo acessível, pela facilidade de encontrar o material e pelo uso constante nas construções brasileiras.

TIJOLO ECOLÓGICO

O tijolo ecológico consiste em uma mistura de terra, água e cimento e é bastante empregado quando se pensa em um método alternativo para substituir a alvenaria tradicional. Para o desenvolvimento desse tipo de alvenaria, é importante garantir que a terra empregada tenha de 50 a 70% de areia na composição. A partir da mescla dos materiais, a coloração do tijolo ecológico pode ser variada, gerando de um tom rosado até um sobretom mais amarelado, o que causa versatilidade na composição das fachadas.

A alvenaria foi utilizada em todas as paredes da edificação, com exceção do Peji e do Balé (Ver Capítulo 2). Nas paredes do salão o tijolo foi revestido com uma camada de reboco e chapisco e por fim, pintado com tinta a base de cal - substância muito utilizada em terreiros tradicionais e edificações residenciais.

árvore-madeira



terra-argila



terra-areia



Figura 94, 95 e 96: Materiais presentes na natureza e no projeto do terreiro
Fonte: Usina Araucaria / Pedreirão / Olx

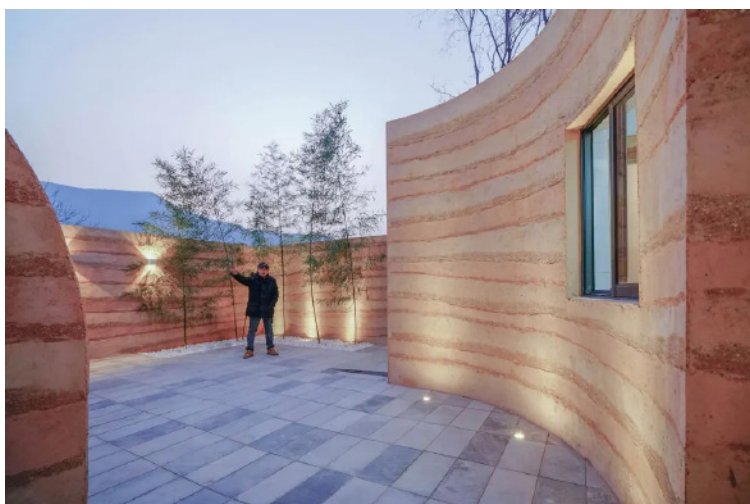
TAIPA DE PILÃO

O material base para a taipa de pilão é a terra crua. O elemento compactado com o auxílio de um pilão, geralmente de madeira, é dividido em formas e distribuído na composição das paredes. A matéria está presente nas paredes circulares do Peji e já foi muito empregada nas construções sertanejas e periféricas sobretudo no Nordeste. Salienta-se que a primeira casa de Mãe Biu, a antiga yalorixá do terreiro, era feita de taipa com estruturas de madeira.

PALHA

No peji, também foi empregada a cobertura de palha de piaçava, elemento abundante tanto nas construções tradicionais africanas, como nas residências brasileiras. Foi escolhida devido a sustentabilidade, a estética rústica, ao custo acessível e a ancestralidade histórica primordial para o santuário-coração do terreiro.

terra-barro



árvore-palha



Figura 97 e 98: Materiais presentes na natureza e no projeto do terreiro
Fonte: ArchDaily/Divino Piaçava

*“Eu estou apaixonado
Por uma menina, terra
Signo de elemento terra
Do mar se diz: Terra à vista
Terra para o pé, firmeza
Terra para a mão, carícia
Outros astros lhe são guia”*

(CAETANO VELOSO, TERRA)

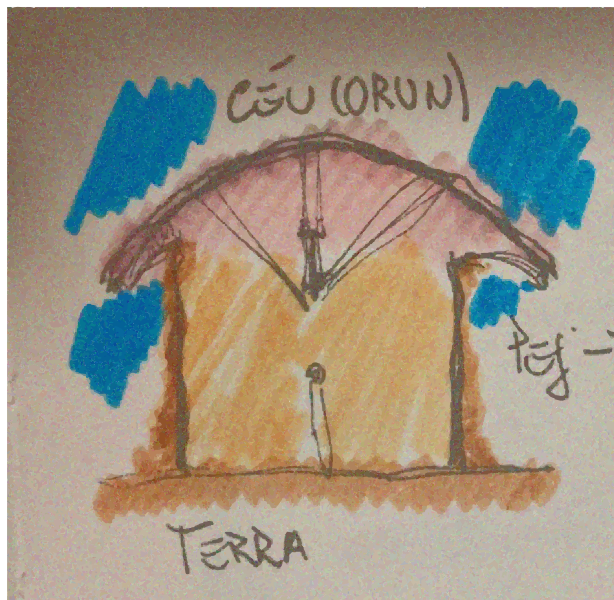


Figura 99: Croqui conceitual
Fonte: Autoral

DESENHOS

Após o estudo dos materiais, passou-se para a etapa de traçado e desenho. A volumetria pensada, guiou-se majoritariamente pelo caráter horizontal do bairro e pela ordem de importância dos espaços do terreiro. A laje plana e o teto jardim (cozinha) compõem um caráter linear, a fim de dar destaque as cobertas do peji e do salão. O telhado do salão foi pensado em diferentes inclinações: um caimento maior e mais alto, voltado ao céu (orun), com inclinação de 50% e a água menor com inclinação de 35%, voltada a terra. O encontro entre as duas águas, é marcado por uma chapa de policarbonato translúcido, para destaque e visibilidade do poste central- elemento que marca o axé da casa.

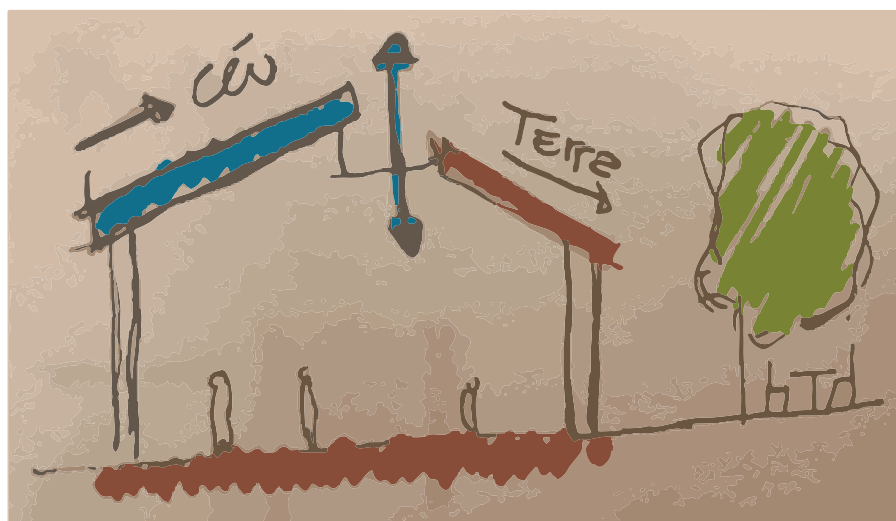


Figura 100: Croqui conceitual

Fonte: Autoral



Figura 101: Volumetria

Fonte: Autoral

Após a concepção da volumetria, foi elaborado um organograma projetual, a fim de entender os espaços sagrados, públicos e semipúblicos do espaço. Este organograma norteou as decisões na composição da planta baixa e na concentração de fluxos. Vale salientar, que dentro do Ilé, existem vários usos e públicos-alvos, então a concepção da planta baixa foi bastante desafiadora.

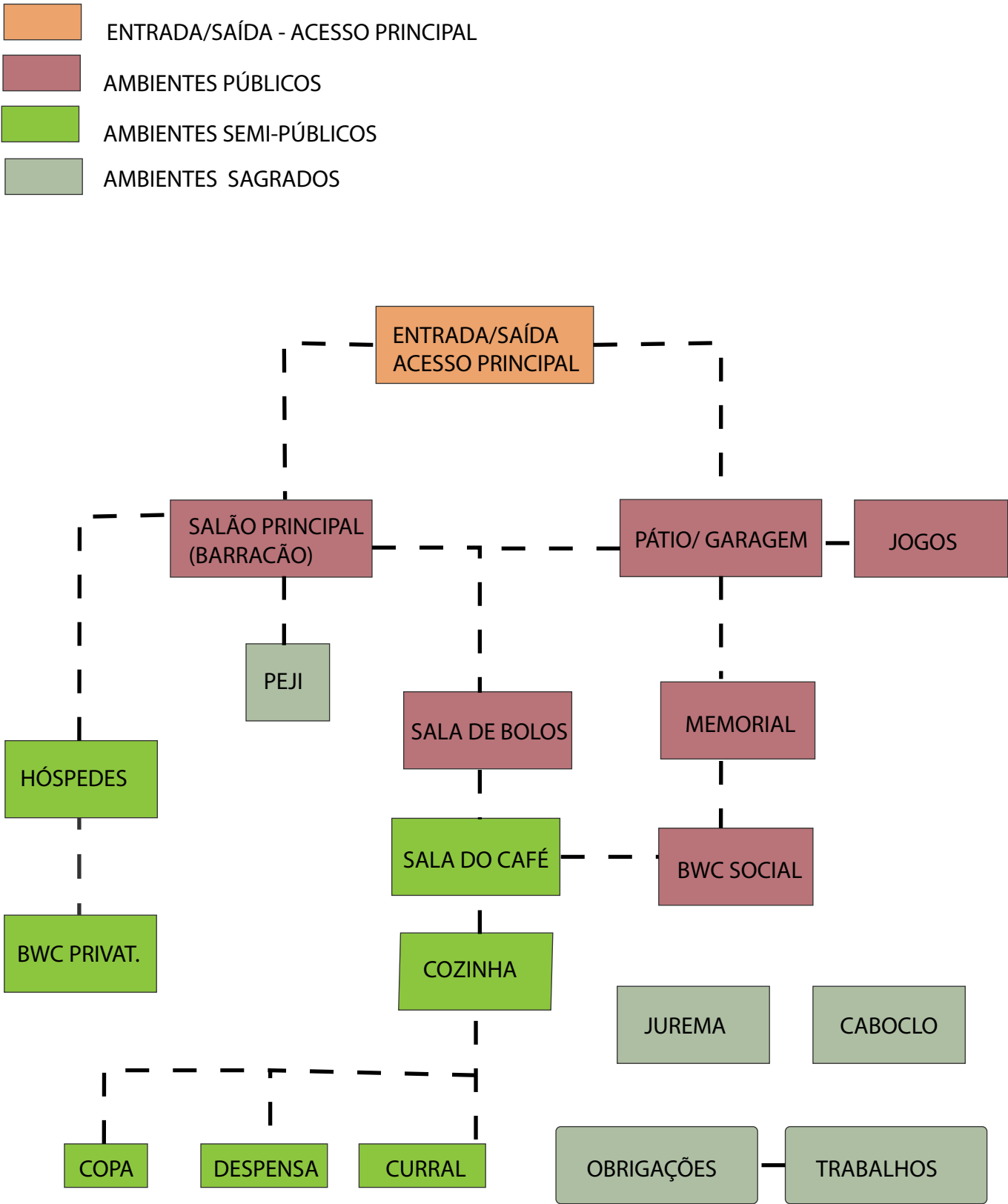


Figura 102: Organograma de espaços
Fonte: Autoral

Figura 103: Espaços divididos por público
Fonte: Autoral



Figura 105: Diagrama de Fluxos
Fonte: Autoral

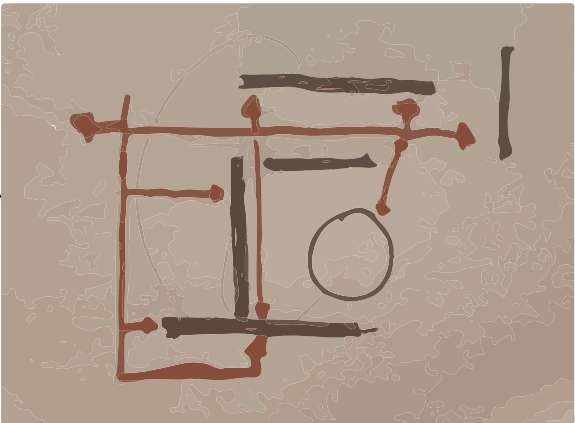
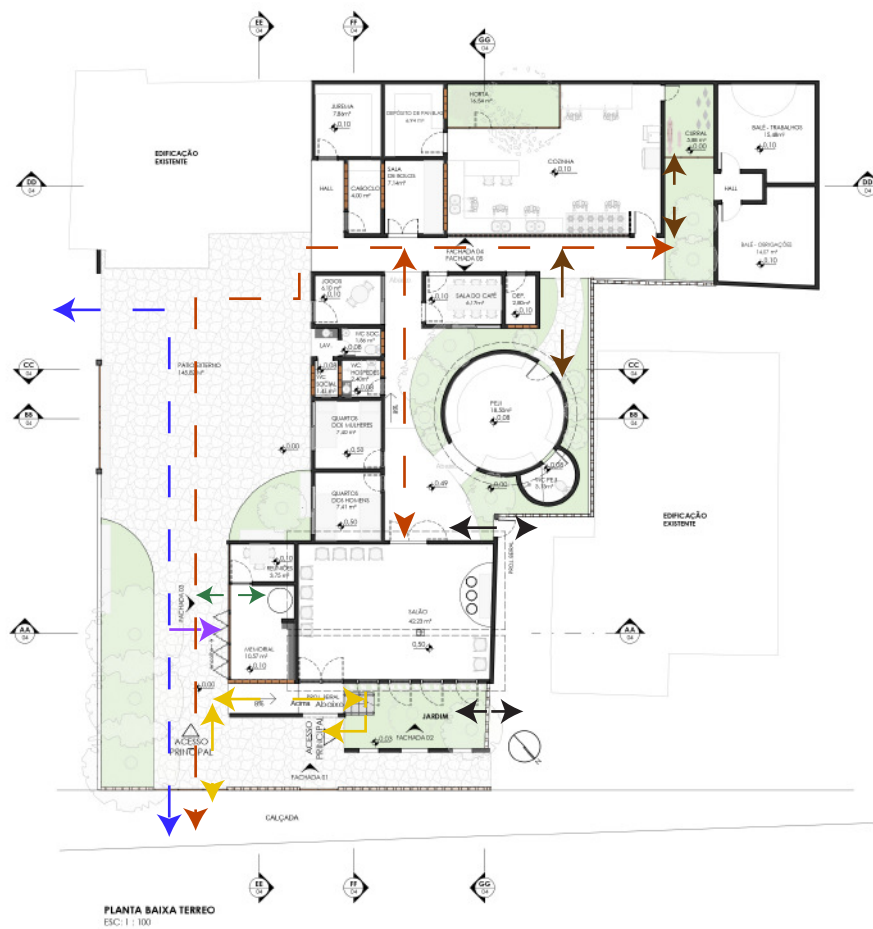
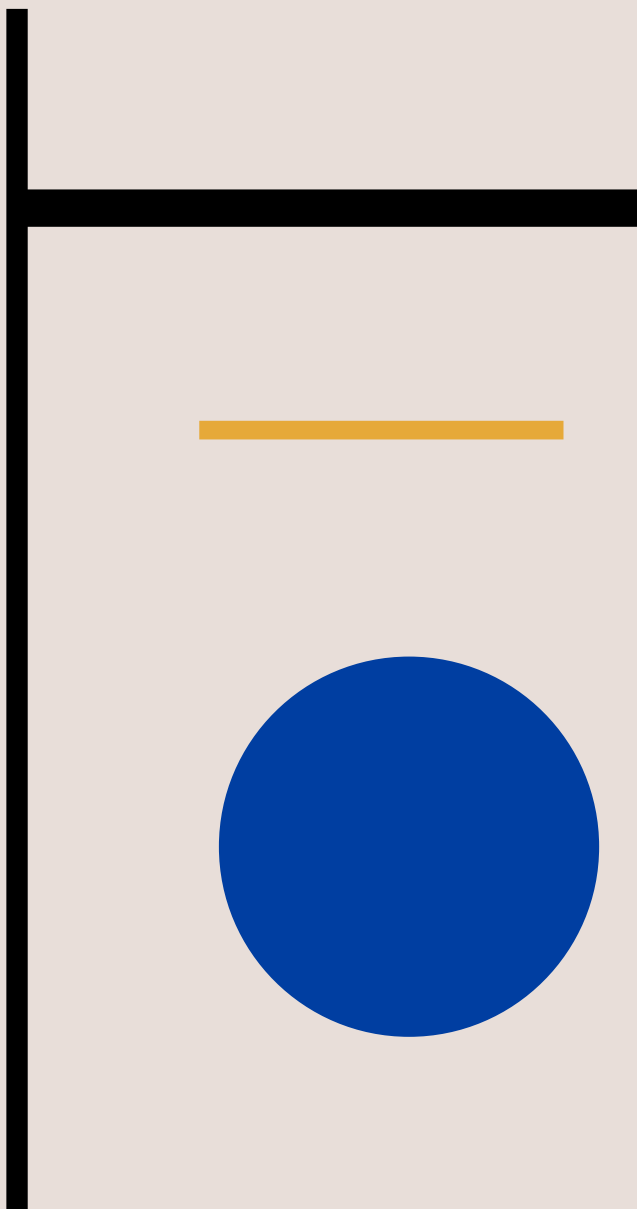
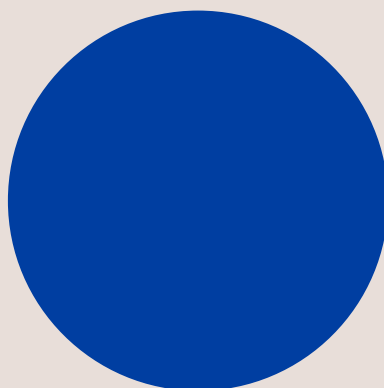


Figura 106: Diagrama de Fluxos Conceitual
Fonte: Autoral

- FLUXO PRINCIPAL DOS FREQUENTADORES DO TERREIRO
- FLUXO PRINCIPAL DOS ANIMAIS DA ENTRADA - COZINHA - CURRAL - PEJI
- FLUXOS DE ACESSO AO TERRAÇO (ANTIGA CASA DE BIU)
- FLUXO DE ACESSO A CASA VIZINHA
- FLUXO DE ACESSO AO MEMORIAL
- FLUXO DA SAÍDA DA CALUNGA DE MÃE BIU EM DIA DE COCO
- FLUXO DE ACESSO A CASA DE AILTON DA XAMBÃ

Figura 107: Entrada principal
Fonte: Autoral





CONCLUSÃO

O trabalho desenvolvido surgiu de uma idealização de troca de conhecimento acadêmico, somados com os saberes ancestrais. Além disso, nasce de uma grande busca sobre africanidade e sua diáspora, que trouxe ao Brasil, inenarráveis práticas de costumes, construções, materiais e sobretudo fé. Fé em dias melhores, fé na festa cotidiana, fé nos elementos da natureza. Ao longo do processo, assimilou-se grandes mandamentos da mitologia africana que serviram de inspiração para a autora em questão, e que influem diretamente na segurança ao projetar um ambiente repleto de axé e amor.

O projeto cumpre a função de propor um espaço melhor para os fiéis e visitantes, trazendo conforto e conexão com a natureza, expandindo pátios e plantando quintais. Os fluxos internos também foram melhorados para que os trâmites de funcionamento da casa, sejam agilizados e melhor acolhidos. O Ilé integrado com a rua, porém repleto de mistério por ser envolto pela fachada principal preservada, demonstra uma inserção a memória dos ancestrais e um chamado aos visitantes. As edificações se concentram na horizontalidade, e num pátio abundante e adaptativo para os passos futuros da Nação Xambá.

Por fim, o seguinte projeto resultou de uma busca e de um encontro. E no caminho, a autora deparou-se com ancestralidade, orgulho e muito respeito pela cultura afro-latina com a qual se identifica.

Figura 108: Peji-útero.

Fonte: Autoral



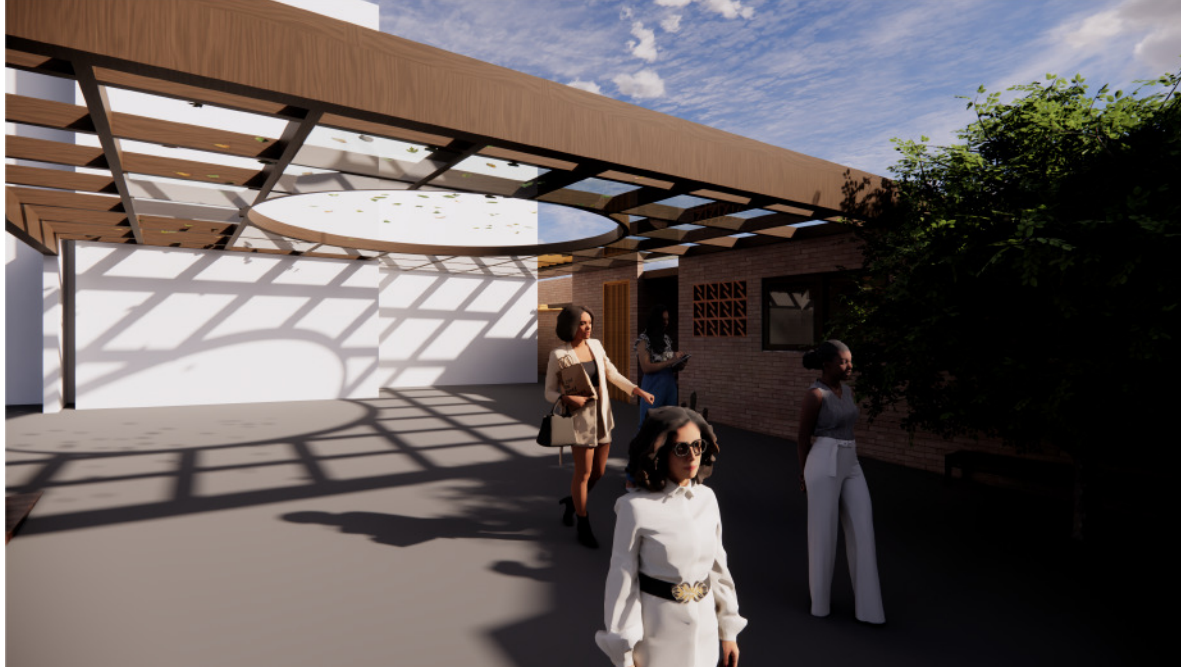


Figura 109: Pátio de eventos
Fonte: Autoral



Figura 110 e 111: Vistas do salão
Fonte: Autoral





he - ran - ça

substantivo feminino

O que se aprendeu ou foi transmitido pelos ancestrais.

REFERENCIAL

ALVES, Marileide. **Povo Xambá Resiste: 80 anos da repressão aos terreiros em Pernambuco**. 1ª edição. Recife, Cepe. 2018.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: Rito Nagô**. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1912

CASTRO, Henrique. **ILÉ ASÉ ÀRÁIYÉ ÒMI: ANTEPROJETO DE ARQUITETURA PARA UM TERREIRO DE CANDOMBLÉ**. 2016. 88f.

Trabalho de Conclusão de Curso - Centro de Artes e Comunicação. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016.

HOSTENSKY, Ilka Lima. **Patrimônio-territorial em Olinda – PE: Comunidade quilombola do Portão do Gelo – Nação Xambá, valorização da cultura afro-latina-americana**. 2018. 250f.

Dissertação (mestrado) - Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Programa de Pós Graduação em Geografia. UnB. Brasília, 2018.

PASSOS, Marlon. **Oyá-Bethânia: Os mitos de um Orixá nos ritos de uma estrela**. 2008. 155f.

Dissertação (mestrado) - Filosofia e Ciências Humanas. Pós-graduação em Estudos étnicos e africanos. UFBA. Bahia. 2008.

ROSA, Laila. **As juremeiras da nação Xambá (Olinda,PE): músicas, performances, representações de feminino e relações de gênero na jurema sagrada**. 2009. 359f.

Tese (doutorado) - Escola de Música. Departamento de Música. Programa de Pós Graduação em Música. UFBA. Bahia, 2009.

ZAMBUZZI, Mabel. **O espaço material e imaterial do candomblé na Bahia: o quê e como proteger?**. 2010. 142 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de arquitetura. Salvador - 2010.

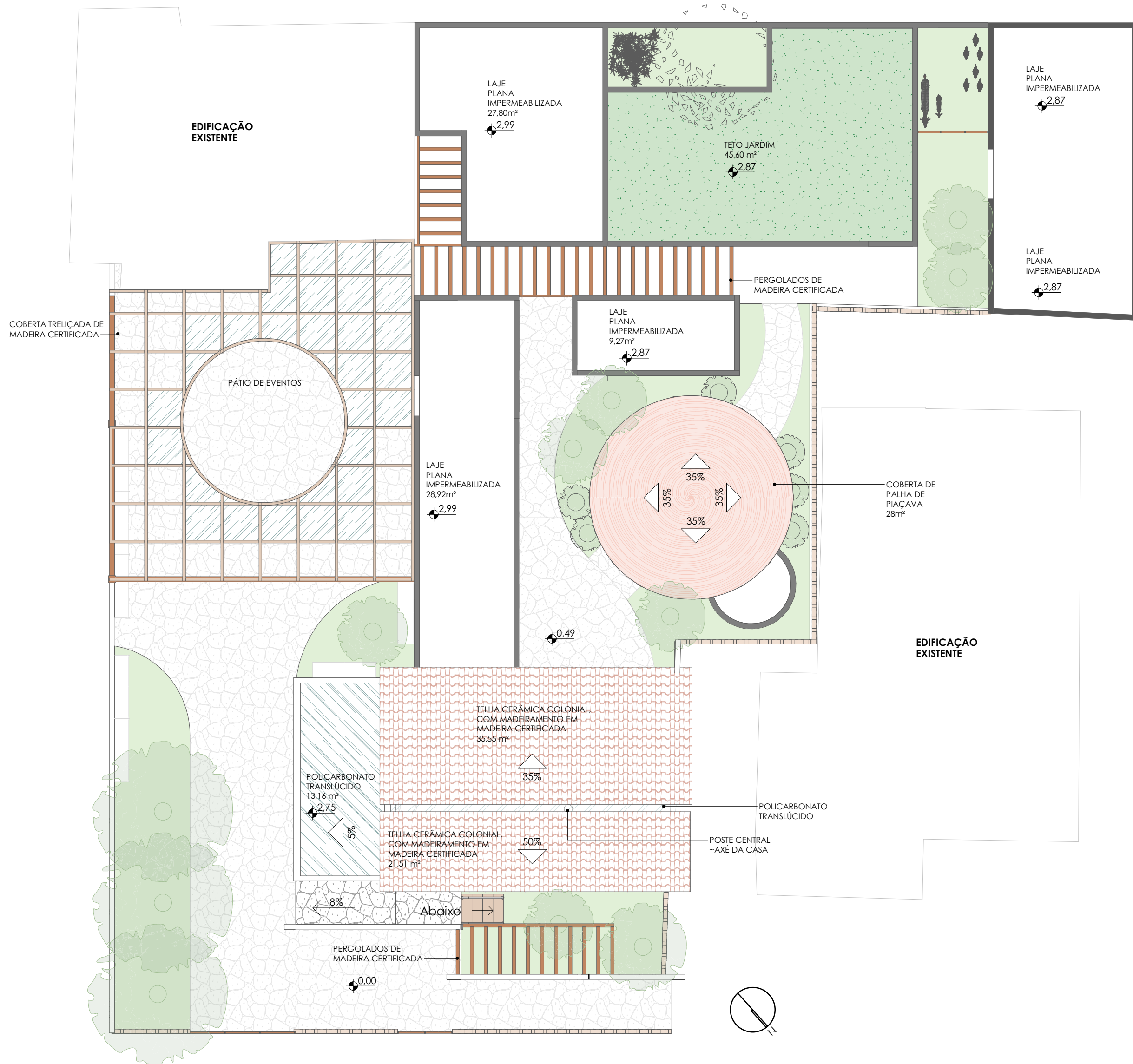
SITES

IGLESIAS, Marcus. Território da ancestralidade africana, Nação Xambá é patrimônio vivo de Pernambuco. CULTURA.PE. Disponível em: <<http://www.cultura.pe.gov.br/canal/patrimonio/territorio-da-ancestralidade-africana-nacao-xamba-e-patrimonio-vivo-de-pernambuco/>>. Acesso em: 12/03/2022

LAGUIAR, Juliana. Aos 90 anos, Terreiro Xambá, núcleo de preservação africana no Brasil, precisa de ajuda. DIARIO DE PERNAMBUCO. Disponível em:<[https://www.diariodepernambuco.com.br/-noticia/vi-](https://www.diariodepernambuco.com.br/-noticia/vi-ver/2020/07/aos-90-anos-terreiro-xamba-nucleo-de-preservacao-africana-no-brasil.html)

[ver/2020/07/aos-90-anos-terreiro-xamba-nucleo-de-preservacao-africana-no-brasil.html](https://www.diariodepernambuco.com.br/-noticia/vi-ver/2020/07/aos-90-anos-terreiro-xamba-nucleo-de-preservacao-africana-no-brasil.html)>. Acesso em: 12/03/2022

IMATIAS, Emanuela. CUNHA, Henrique. Quilombos urbanos e bairros negros: revendo os conceitos e a importância para as cidades. Epistemologias Negras e Lutas Antirracistas. 2º Congresso de Pesquisadores Negros do Nordeste. João Pessoa, 2019.



COBERTA
ESC: 1 : 100

LOGO

Estudo Preliminar de Reforma do Terreiro
Ilé Axé Oyá Meguê

PROJETO

LOCAL
RUA SEVERINA PARAÍSO DA SILVA,
SÃO BENEDITO, OLINDA, PERNAMBUCO

GRADUANDA:
ALANA MARIA DE ALMEIDA SILVA

ORIENTADOR:
PASCAL MACHADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

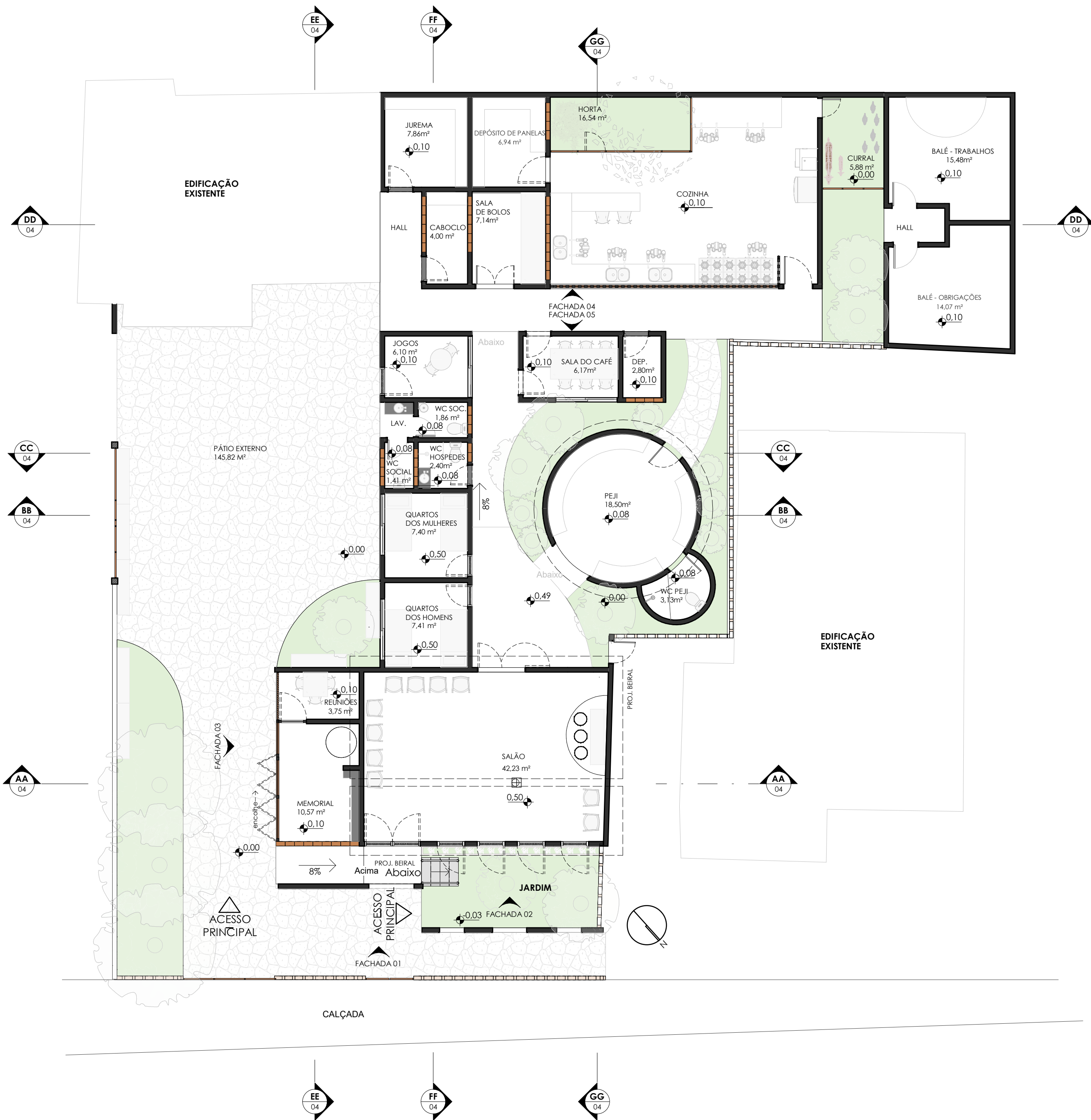
ASSUNTO
PLANTA DE COBERTA

LEGENDA:

- EXISTENTE
- A DEMOLIR
- A CONSTRUIR

PRANCHA

01 / 05



PLANTA BAIXA TERREO
ESC: 1 : 100

LOGO

PROJETO
Estudo Preliminar de Reforma do Terreiro
Ilé Axé Oyá Meguê

LOCAL
RUA SEVERINA PARAÍSO DA SILVA,
SÃO BENEDITO, OLINDA, PERNAMBUCO

GRADUANDA:
ALANA MARIA DE ALMEIDA SILVA

ORIENTADOR:
PASCAL MACHADO

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

ASSUNTO
PLANTA BAIXA TÉRREO

TABELA DE ÁREAS

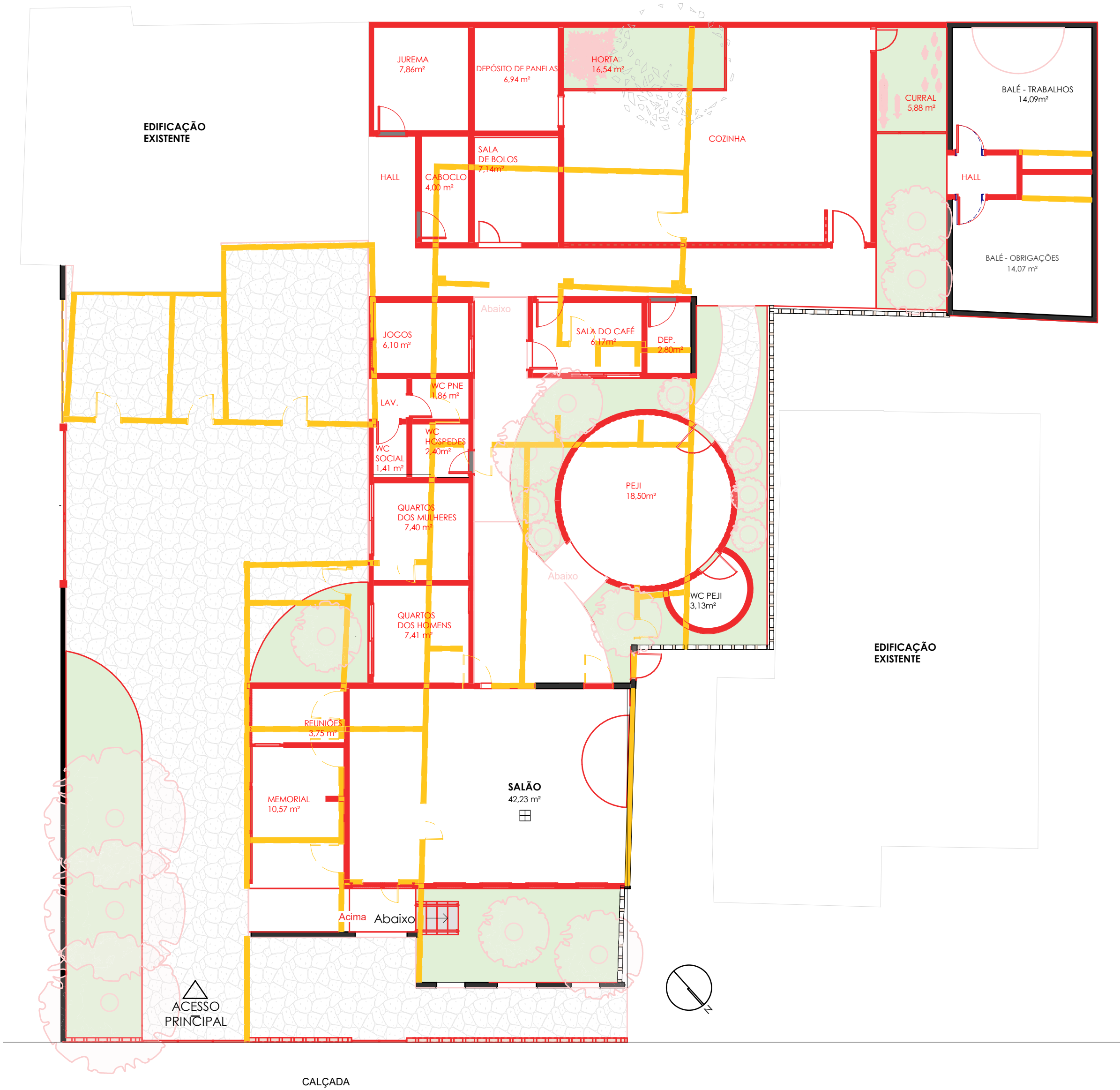
--

LEGENDA:

- EXISTENTE
- A DEMOLIR
- A CONSTRUIR

PRANCHA

02/05



PLANTA DE REFORMA
ESC: 1 : 100

LOGO

PROJETO

Estudo Preliminar de Reforma do Terreiro
Ilé Axé Oyá Meguê

LOCAL

RUA SEVERINA PARAÍSO DA SILVA,
SÃO BENEDITO, OLINDA, PERNAMBUCO

GRADUANDA:

ALANA MARIA DE ALMEIDA SILVA

ORIENTADOR:

PASCAL MACHADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

ASSUNTO

PLANTA DE REFORMA

LEGENDA:

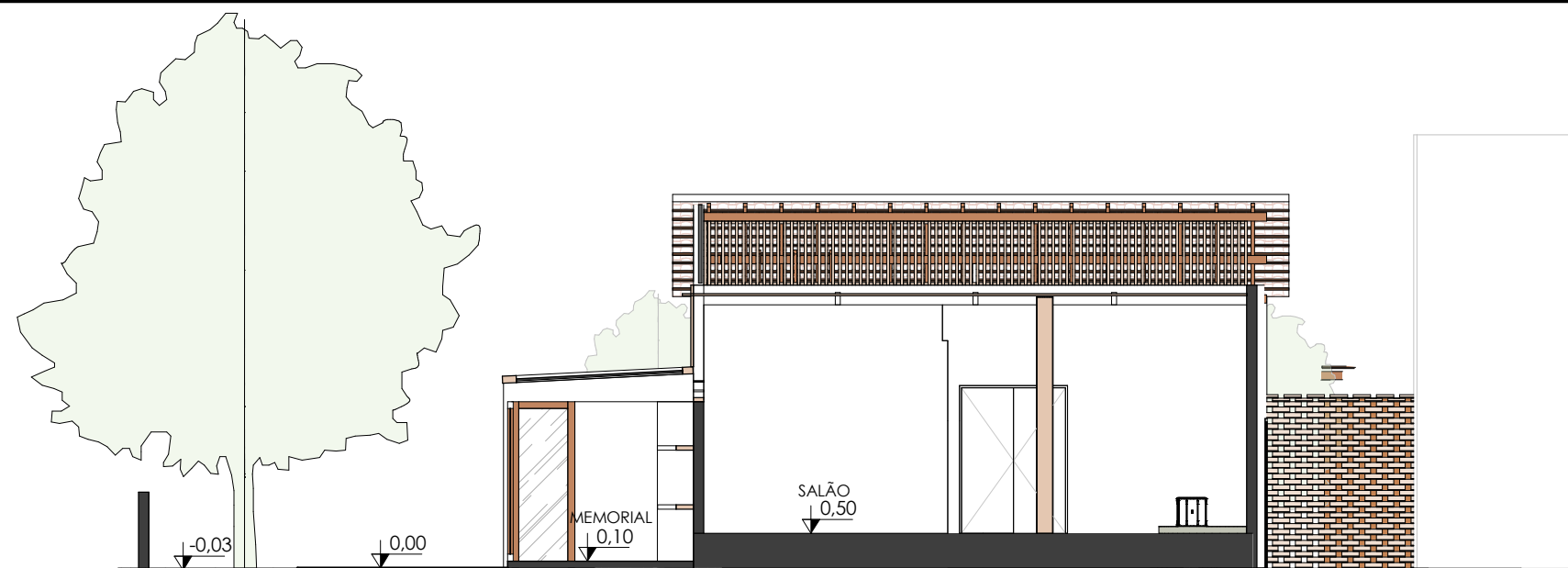
EXISTENTE

A DEMOLIR

A CONSTRUIR

PRANCHA

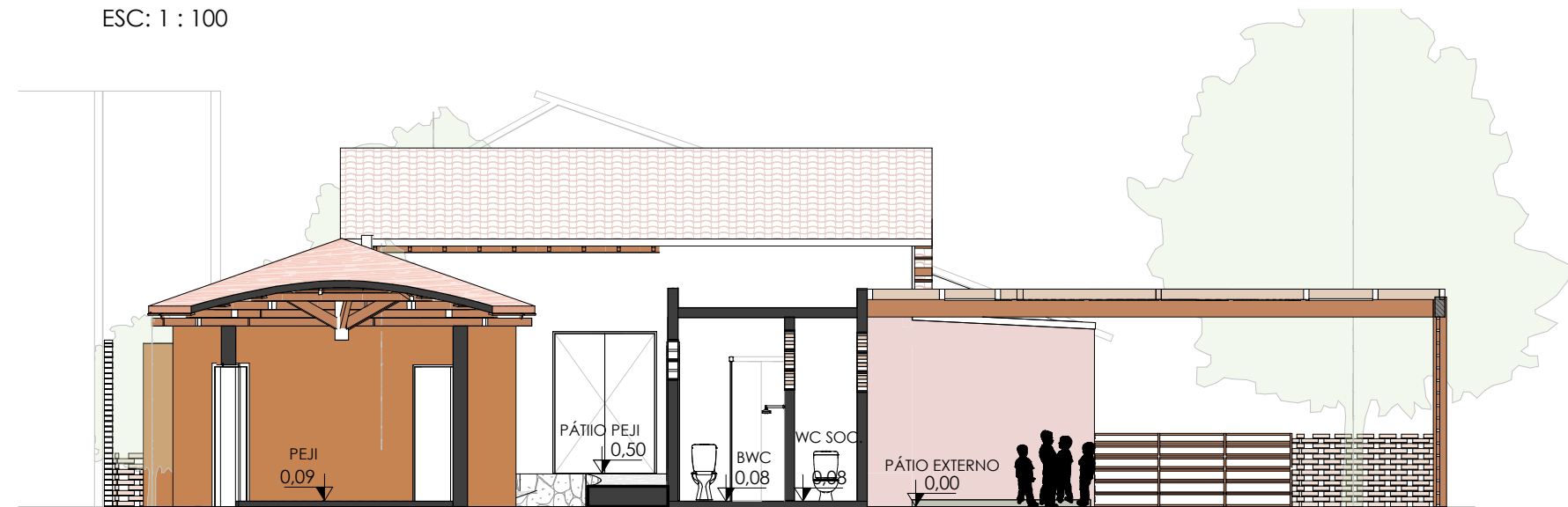
03 / 05



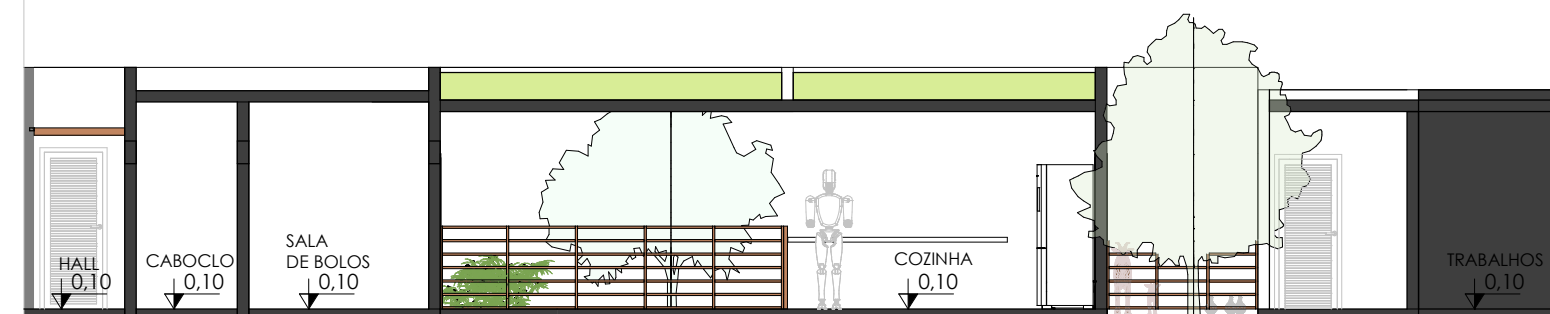
AA
ESC: 1 : 100



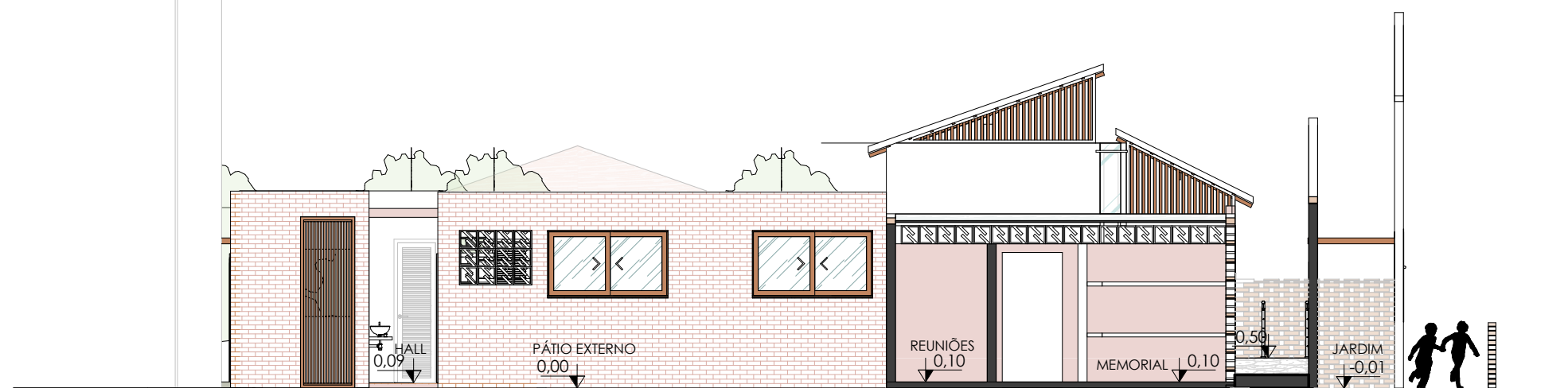
BB
ESC: 1 : 100



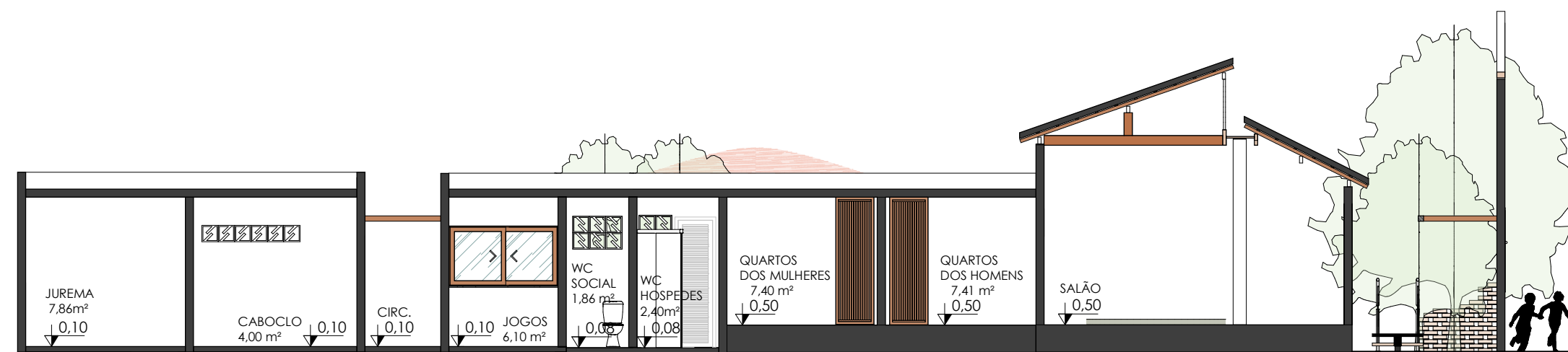
CC
ESC: 1 : 100



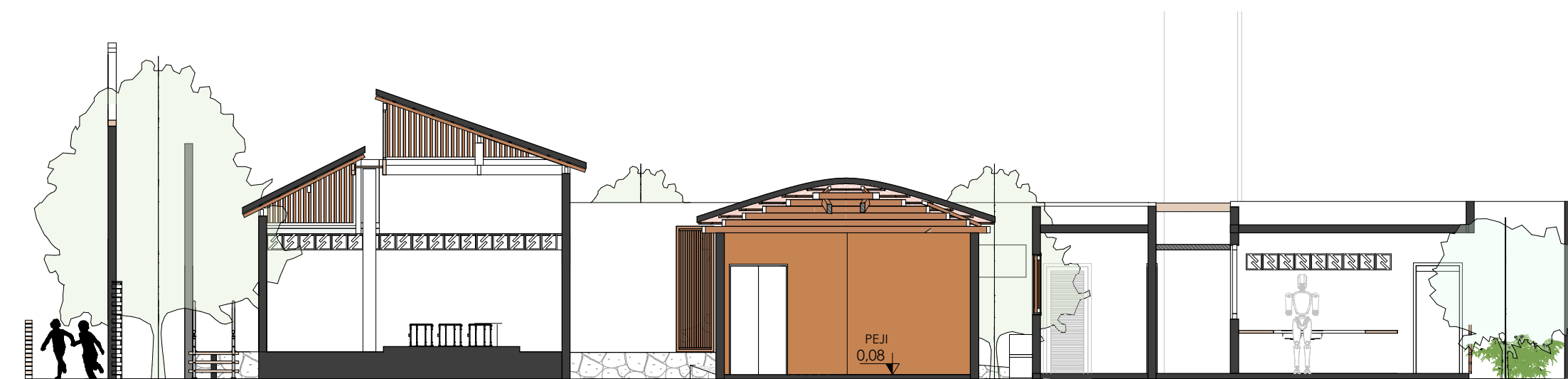
DD
ESC: 1 : 100



EE
ESC: 1 : 100



FF
ESC: 1 : 100



GG
ESC: 1 : 100

LOGO

PROJETO
Estudo Preliminar de Reforma do Terreiro
Ilé Axé Oyá Meguê

LOCAL
RUA SEVERINA PARAÍSO DA SILVA,
SÃO BENEDITO, OLINDA, PERNAMBUCO

GRADUANDA:
ALANA MARIA DE ALMEIDA SILVA

ORIENTADOR:
PASCAL MACHADO

Projetista

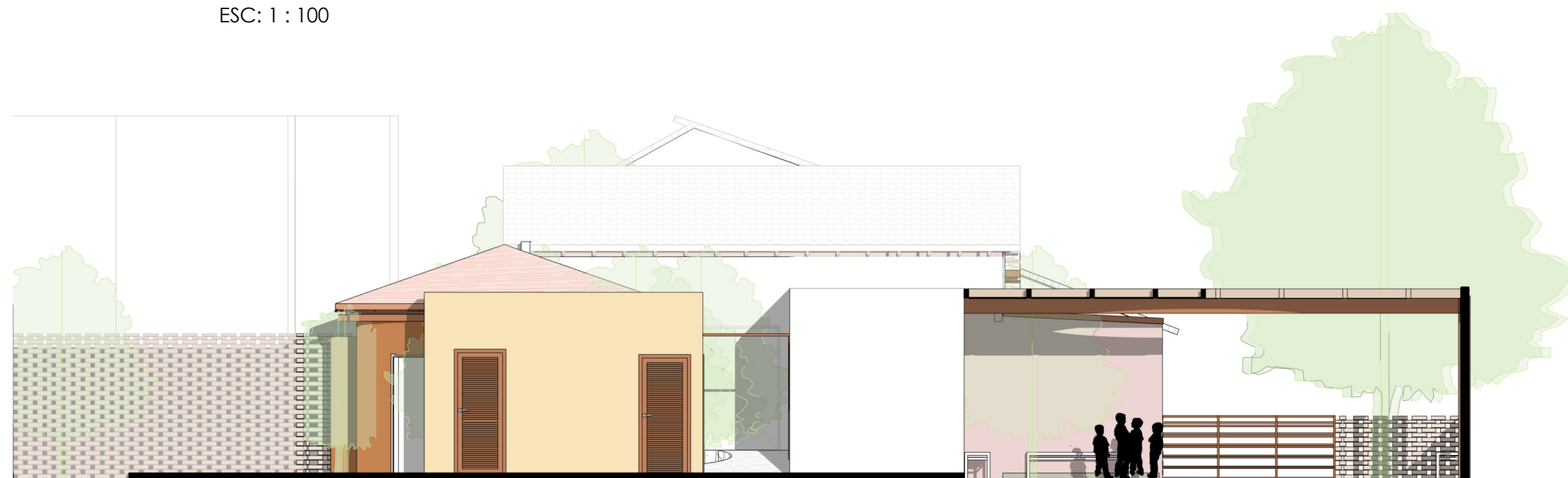
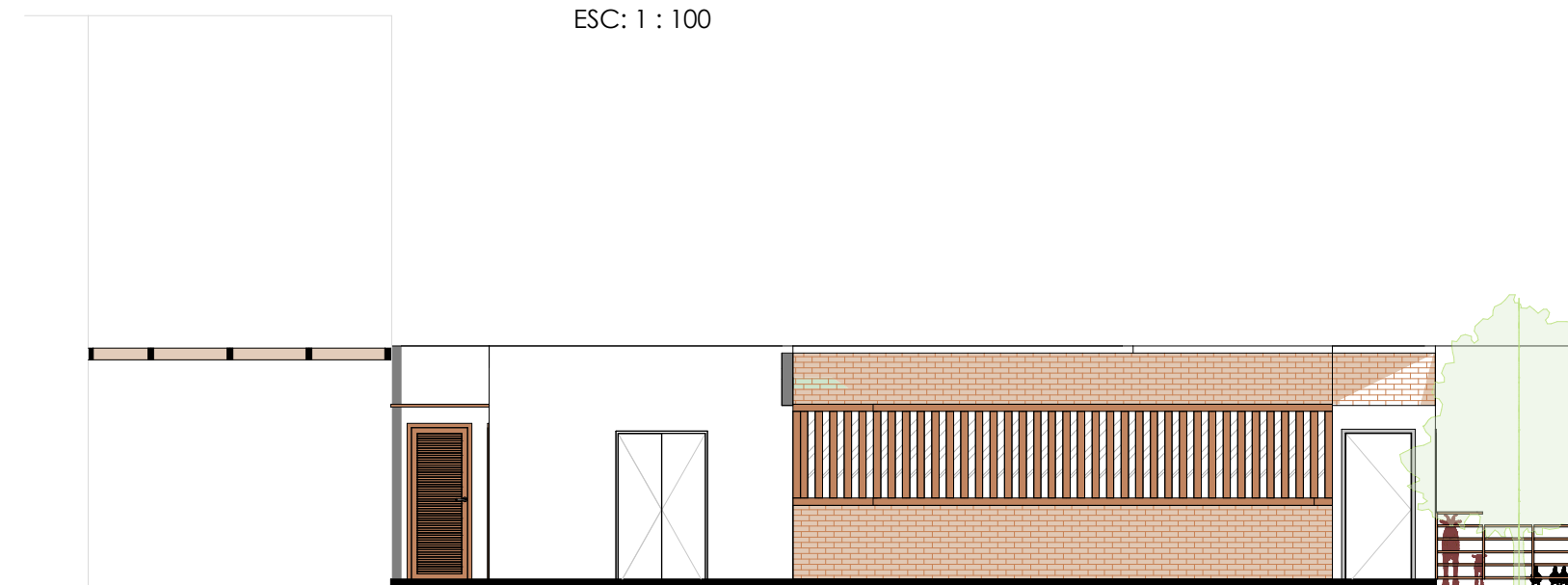
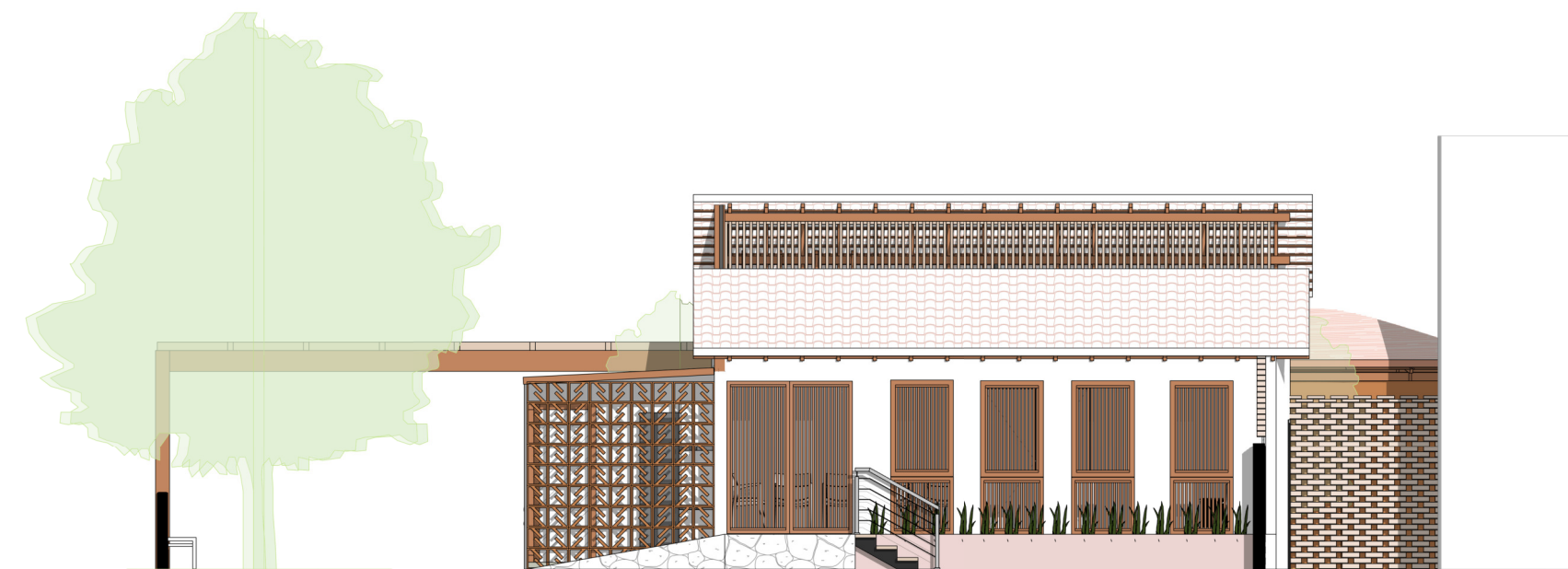
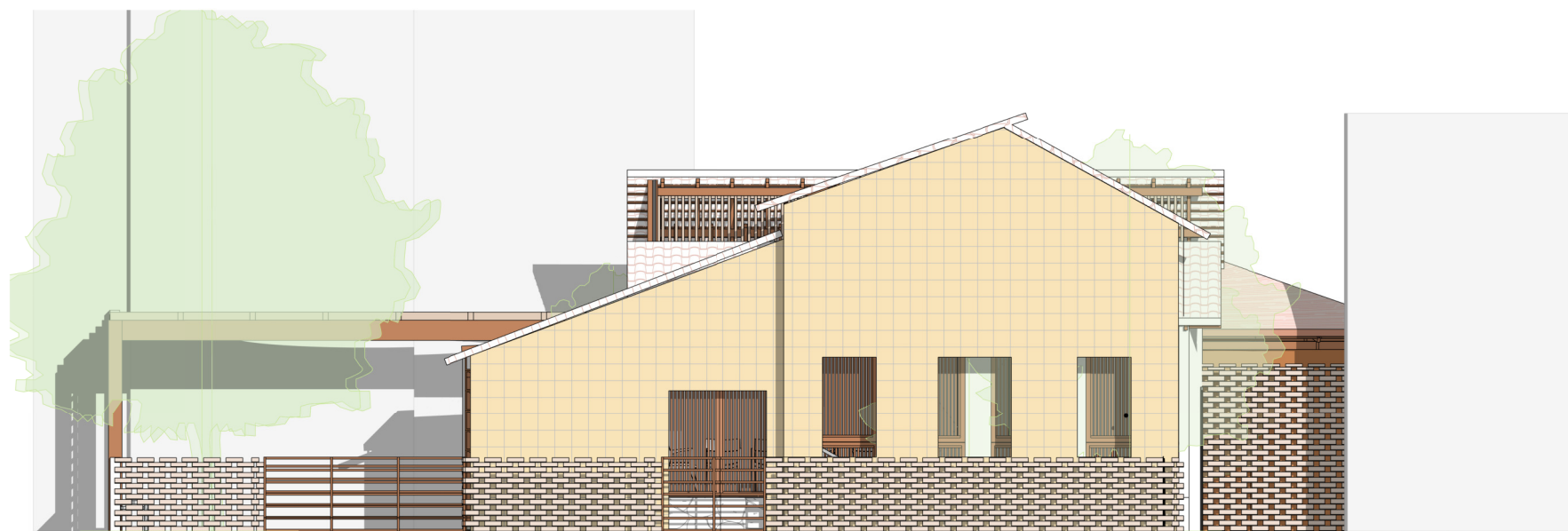
ASSUNTO

CORTES

LEGENDA:

EXISTENTE
A DEMOLIR
A CONSTRUIR

PRANCHA
04 / 05



LOGO

PROJETO

Estudo Preliminar de Reforma do Terreiro
Ilé Axé Oyá Meguê

LOCAL

RUA SEVERINA PARAÍSO DA SILVA,
SÃO BENEDITO, OLINDA, PERNAMBUCO

GRADUANDA:

ALANA MARIA DE ALMEIDA SILVA

ORIENTADOR:

PASCAL MACHADO

Projetaista

ASSUNTO

FACHADAS

LEGENDA:



EXISTENTE



A DEMOLIR



A CONSTRUIR

PRANCHA

05/05